



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - MESTRADO

CRISTIANNE SPIRANDELI MARQUES

**UM ESTUDO SOBRE O USO DO MÉTODO PSICANALÍTICO NA
LEITURA DE RELATÓRIO DE ESTÁGIO EM PSICOLOGIA
CLÍNICA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA.**

Uberlândia

2005

CRISTIANNE SPIRANDELI MARQUES

**UM ESTUDO SOBRE O USO DO MÉTODO PSICANALÍTICO NA
LEITURA DE RELATÓRIO DE ESTÁGIO EM PSICOLOGIA
CLÍNICA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA.**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Psicologia Aplicada da Universidade Federal de Uberlândia, para obtenção do título de mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Aplicada.

Eixo temático: Intersubjetividade.

Orientadora: Professora Dra. Maria Inês Baccarin.

Uberlândia – MG

2005

CRISTIANNE SPIRANDELI MARQUES

**UM ESTUDO SOBRE O USO DO MÉTODO PSICANALÍTICO NA
LEITURA DE RELATÓRIO DE ESTÁGIO EM PSICOLOGIA
CLÍNICA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA.**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Psicologia Aplicada da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para obtenção do título de mestre em Psicologia.

Eixo temático: Intersubjetividade

Banca examinadora:

Uberlândia, 14 de maio de 2005.

Profª. Dra. Maria Inês Baccarin – UFU/MG

Profª. Dra. Maria Lúcia Castilho Romera – UFU/MG

Profª. Dra. Ana Maria Loffredo – USP/SP

**Aos meus pais, João e Rejane e a
meu querido marido Alberto, pelo
estímulo, carinho e compreensão.**

MINHA GRATIDÃO

À Maria Inês Baccarin, minha orientadora, que procurou pela sua maneira de ser cuidar do nosso vínculo para o desenvolvimento desta dissertação, assim como pela liberdade e apoio das idéias que aos poucos foram adquirindo corpo ao longo do trabalho.

Ao Sr. Édio José Alves pela dedicada editoração.

À Maria Salete de Freitas Pinheiro pelo cuidadoso trabalho de revisão das citações e referências.

À Regina C. S. M. M. Oliveira pela disponibilidade e dedicação na revisão de português, assim como, pela leitura que caracterizou a princípio, este trabalho, mais próximo da escrita de um romance do que de um texto científico, apresentando-me desta forma seu olhar neste percurso.

À Juliana Madureira Ferreira pelo apoio e presteza em relação ao Abstract.

Aos estagiários e ex-estagiários do Setor de Apoio e Orientação Psicopedagógica – SEAPS pelas muitas horas de aprendizado mútuo e pela possibilidade de trabalhar com os dados por eles produzidos.

A José Alberto e Aline, pela confiança, pelo carinho e pelos momentos lúdicos de descontração que passamos juntos.

Aos colegas que se tornaram amigos durante o mestrado: Maristela, Fernanda, Shinaider e Maria Luíza, com quem dividi horas deliciosas de lanches e almoços.

A Marineide, sempre doce, disponível e firme comigo, em suas atividades na secretaria do mestrado.

A João Luiz Paravidine pela leitura crítica na qualificação e pelo companheirismo sempre constante.

À Maria Lúcia Castilho Romera pela interlocução preciosa e pelos sempre toques desencadeantes que me ajudaram a abrir sentidos, onde não parecia ser mais possível.

Aos amigos do Grupo Vórtice: Evaldo, Rosa Eliza e Maria Isma pelo incentivo nesta trajetória.

Às amigas Maria Alzira e Rosimeire pelo acolhimento preciso nas horas difíceis.

Aos colegas de trabalho que apoiaram este projeto de mestrado: Léia, Karen, Maria de Lourdes, Maria de Fátima, Maria Lúcia Costa, Elaine, Marlene e Suelene.

Às minhas filhas Laís e Lorena pelo empenho nas horas de digitação e pelos comentários divertidos na leitura do trabalho.

RESUMO

Este estudo tem por objetivo refletir sobre a leitura da narrativa do caso clínico presente no relatório de estágio em psicologia produzido no Setor de Apoio e Orientação Psicopedagógica da Universidade Federal de Uberlândia. Partindo do sentido informativo-avaliativo dado ao relatório, uma questão se instalou: qual seria a forma de leitura da supervisora, que abriria caminho ao discurso singular do estagiário sobre a experiência com a clínica psicanalítica? Buscou-se pela leitura freudiana – de casos da clínica e da literatura – reconhecer a forma de investigação minuciosa a se produzir sobre as qualidades do sentir humano. Atenta aos detalhes, às peculiaridades do discurso na clínica e em diversas outras possibilidades de produção da psique, os textos freudianos engendram o clima da experiência de análise, ao surpreender o leitor para a produção de novos sentidos psíquicos. Nesse percurso também surgiu a Teoria dos Campos, como literatura psicanalítica que recupera e trata diretamente do modo de acesso às regras inconscientes determinantes do discurso na clínica. Para a Teoria dos Campos o método psicanalítico é o invariante da escuta do psicanalista a tais regras. De posse das posturas fundamentais que determinam este método de investigação e cura - passiva-receptividade e receptividade-ativa – a autora-pesquisadora percebeu-se imersa no campo de produção da leitura (do estagiário) de uma leitura (do paciente), que a narrativa clínica produz. No uso destas posturas para leitura do relatório, surgiram pela narrativa do caso clínico os sentidos mediadores da relação psicoterapeuta-paciente em sua potencialidade, assim como foram se produzindo guias para o trabalho de supervisão no campo do estágio em psicologia.

ABSTRACT

This study intends to make a reflection on the narrative reading of the clinical case described in the psychology training report made at the Psychopedagogy Support and Guidance Department of the Federal University of Uberlândia. Starting from the informative-avalative meaning given to the report, a question has come up: what would be the reading way of the supervisor, who would open way to the singular speech of the trainee about the experience with the psychoanalytical treatment? It has been tried through the freudian reading – of the clinical and literature cases – to recognize the detailed investigation type to be produced about the qualities of the human feels. Aware to the details, to the peculiarities of the speech in the practice and in many other possibilities of psyche production, the freudian texts make the right environment for the analysis experience by surprising the readers to the production of new psychological meanings. During this time the Theory of Fields has appeared as well, as a psychoanalytical literature that recovers and treats directly how to access the unconscious rules that determine the speech in the practice. For the Theory of Fields the psychoanalysis method is the invariant of the psychiatrist's hearing to such rules. By owning the fundamental points that determined this method of investigation and healing - passive-receptiveness and receptiveness-active – the author-researcher realized herself immersed in the field of the reading production (the trainee) of a reading (the patient), that the clinical narrative produces. From this position to read the report, it was possible to find by the narrative of the clinical case the mediator of the relationship between psychotherapist and patient in its potentiality, as well as it has been produced guidelines to the supervisor's work in the field of Psychology training

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. DAS ORIGENS DESTE ESTUDO	13
1.1 Da Autora-Anotadora	13
1.2 A Narrativa da Memória-Recordação na Supervisão Clínica	18
1.3 Da Experiência de ser orientada	20
1.4 Da Função como Supervisora de Estágio	24
2. DA QUESTÃO-PROBLEMA	27
2.1 Do Surgimento da Questão-Problema	27
2.2 Do sentido Informativo-Avaliativo do Relatório	29
3. A ESCRITA PSICANALÍTICA	31
3.1 Da Narrativa da Clínica	31
3.2 Do Autor-Investigador: o estilo freudiano de narrativa	33
3.3 Da Motivação Pelos Fenômenos Psíquicos: a leitura estética	36
3.4 Da Escrita do Caso Clínico	47
3.4.1 O Caso Dora – das origens do psicanalisar	51
3.4.2 O Caso Schreber – do conteúdo à forma das produções psíquicas, uma possibilidade de leitura psicanalítica do discurso escrito	56
4. DA ESTRATÉGIA DE INVESTIGAÇÃO	80
4.1 Aprendendo a Ler os Relatórios de Estágio	80
4.2 Um Método de Leitura Psicanalítico	81
4.2.1 Da leitura estrutural	81
4.2.2 Da leitura hermenêutica	87
5. A LEITURA DA LEITURA	90
5.1 A Leitura do Relatório de Estágio	90
5.1.1 A narrativa da dor psíquica e das primeiras relações	91
5.1.2 Do encontro analítico	94
5.2 Algumas Reflexões Sobre a Condição de Leitura da Leitura	102
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	110
ANEXOS	115

INTRODUÇÃO

Minha pesquisa teve sua origem na experiência de escrita da clínica psicanalítica, em diversos momentos da minha vida profissional. Desde pequenos esboços produzidos a partir da atenta escuta às aulas, em grupos de estudos e cursos de psicanálise, a relatórios clínicos para supervisão, trabalhos para comunicações públicas, textos feitos para ministração de aulas, sempre tive por companheira a escrita.

Trilhando este caminho, a escrita também se fazia presente na leitura que havia de fazer de casos clínicos para supervisão, trabalhos escritos por colegas e autores da psicanálise e relatórios de estágio, tendo estes últimos despertado meu interesse de forma particular, devido à especificidade do dizer de um fazer que diretamente diz respeito à minha função como supervisora da teoria e prática clínica no estágio em psicologia.

Ao buscar refletir sobre esse dizer de um fazer na experiência de estágio, percebi que ele encontrava-se restrito à condição de um relatório informativo-avaliativo e, mesmo o assunto girando ao redor de conversas em equipe no setor onde trabalho, inclusive em alguns momentos com os próprios estagiários, essa característica do relatório se mantinha.

Algumas questões foram aos poucos se produzindo à medida que percebia que o relatório criava em mim um campo de tensão: nele estavam inscritos o fazer da clínica vivida do estagiário e também as características do ensino-transmissão da psicanálise, feito pelas supervisoras.

Saberíamos como reconhecer esses fazeres, pela leitura do relatório de estágio?

Em relação a estas questões procurei refletir sobre a leitura que fazia desses relatórios e aos poucos percebi, pelo caráter restritivo que era dado a eles, que haveria de (re)aprender a lê-los.

Procurei contar com um valioso companheiro, que em seu gesto intenso de pensar por escrito, produzia no leitor atento as características de sua leitura das produções psíquicas presentes nos casos clínicos por ele atendidos e nos casos da literatura, a saber - Freud.

Ele, que considerava as produções psíquicas em seu sentido amplo, partiu da clínica, e estendeu sua arte de interpretar às diversas possibilidades de criação da psique humana.

Herrmann, psicanalista e frequente leitor de Freud, procurou recuperar a amplitude desse fazer quando apontou um modo particular de investigação e cura usado pelo mestre, em sua arte da interpretação, ou ainda, pelo método psicanalítico. A interpretação, que carrega consigo os fundamentos psicanalíticos - inconsciente e transferência, seria extensiva à toda leitura que se fizesse da psique humana em condição de produção. A partir dela, duas posturas determinariam o ato interpretativo do analista: a de passiva-receptividade, que deixa emergir do discurso, da narrativa, suas condições de possibilidades e a de receptividade-ativa, que tomaria em consideração as regras determinantes deste. Ao exercer estas posturas o analista e também a supervisora clínica em questão, haveriam de (re)des-cobrir na narrativa clínica alguns sentidos desconhecidos, procurando ir além do sentido a que se restringia, neste caso, o relatório. Foi possível perceber que a narrativa clínica produzia diálogo, era expressão de um fazer que ganhava vida ao ser lida, ao desencadear na leitora, pela leitura da leitura, suas condições de possibilidade de produção. Por meio da leitura psicanalítica do relatório, pude (re)conhecer a idéia de produção de conhecimento em psicanálise, aquela que indica a especificidade que se produziu na

narrativa clínica do estagiário sobre o caso atendido. Desta forma, a leitura da leitura pelo uso do método tornou-se um potencializador de um fazer onde este ainda não era reconhecido enquanto tal.

1. DAS ORIGENS DESTE ESTUDO

1.1. Da autora-anotadora

A partir da minha vivência com a escrita, bem como, da preocupação com a função de supervisora da teoria e prática clínica no estágio em psicologia, surgiu o interesse de reflexão sobre a escrita psicanalítica.

Minha história com a escrita nasceu com o prazer de anotar as falas de meus professores nas aulas que assistia. Fui uma estudante de psicologia fiel a esse exercício.

Acreditando na importância de registrar os conhecimentos que me eram transmitidos, procurei considerar em minhas anotações, a forma como cada professor escolhia realizar a transmissão desses conhecimentos. Aos poucos, esse exercício foi se estendendo à leitura de textos por meio dos quais minha curiosidade ganhava espaço, pela forma como o autor ia tecendo suas considerações sobre o tema e me ajudava a compreender certas idéias e a ressignificá-las.

Sempre recorri aos meus escritos para estudar, como também contribuía com meus colegas por meio de minhas anotações.

Ao conhecer a psicanálise ainda como aluna de psicologia, a anotação tinha a função de manter comigo as idéias ouvidas e lidas, a fim de que as mesmas não me escapassem. Aos poucos, mais do que a função de registro, a escrita passou a ter a função de memória-recordação da escuta, da minha leitura, dos ensinamentos que na relação com meus mestres adquiriam sentidos. Mesmo quando na releitura do que havia escrito certo sentido vivido na experiência desaparecia, restava a possibilidade de refletir: o que foi

possível anotar, perceber? Que sentidos surgiram mediante o que havia sido transmitido? O que ficou como re(cor)dação¹, que a redação permitiu?

A recordação traz em seu bojo uma condição de identificação pessoal. A partir da minha própria história (passado), do meu próprio viver (presente) e do meu próprio desejo (futuro), ela não era simplesmente lembrar, pois de acordo com Heidegger (1978 apud BACCARIN, 2000, p.84), a “palavra” recordação “nomeia a alma em sua totalidade, no sentido do constante e mais íntimo recolhimento em torno daquilo que se atribui essencialmente a todo ato meditativo. O passado, o presente e o futuro aparecem na unidade de um assistir próprio de cada um.”

A re(cor)dação como palavra, como nomeação do que foi ouvido surgia como guia, ainda desconhecido. Só sabia dela como forma produzida a partir da escuta que também havia sido possível. A memória-recordação então, como ocorre com a poesia, atendia a uma noção de verdade: àquela que pela sua forma produzida vemos desvelar as possibilidades de produção de novos sentidos. Assim valia até “(...) assumir o descentramento necessário pela escrita, ou seja, assumir o jogo de brincar e poetar”, com as palavras ouvidas, pois seria este no devido momento, um possível indicador do sentido produzido na experiência vivida de aprendizagem (CHNAIDERMAN, 1989, p.16). A ‘invenção’ pela escrita da palavra constituiria-se num espaço onde deveriam (con)viver impasses com o saber. Este exercício ‘inventivo’ estaria sob o domínio do que pode naquele momento ser produzido.

¹ Heidegger (1978) utiliza o termo *Gedächtnis*. Segundo o tradutor da obra para o espanhol, esta palavra traduz-se por...recordação em vez de memória, posto que re-cordar alude ao coração cor, cordis do latim como sede deste ato...(Baccarin,2000,p.83)

Adiante se verá que esta condição de produção foi despertando possibilidades de reflexão, não mais só na aluna de psicologia aprendendo psicanálise, mas também na psicóloga, refletindo sobre a clínica psicanalítica praticada.

A anotadora, que se descobriu há pouco tempo, desejosa de tornar-se autora surgiu curiosa pelas idéias daqueles que, de alguma maneira em ‘nossa’ relação, quer fossem como mestres ou como autores exerceram a função de companheiros na arte de transmitir conhecimentos. Do grego *Therapon*, que diz respeito a: “*aquele que cuida de, serve a, trata de*”, estive eu acompanhada de pessoas que acreditavam e acreditam que “*cada um deve buscar conquistar de seu mundo*”, o espaço de possibilidades de sentidos, de conhecimentos. Haveria de ser este percurso de conquista então, para mestre e discípulo, vivido como acontecimento grandioso, aventureiro e lúdico (HERRMANN, 1993, p.142).

Considerar que o caminho deste estudo foi possível pelos que exerceram a função de *THERAPON* é re-conhecer que as vozes deles impressas ao longo desta aventura-estudo tiveram a função de toques desencadeantes (estranhamentos/dúvidas/curiosidades), que produziram a escrita possível, aqui expressa sobre o tema.

Certa motivação desencadeadora foi se mostrando na busca por metodologias existentes, mas até então desconhecidas para mim, na forma de pensar dos mestres, que foram construindo assim o caminho deste trabalho e, como veremos, revelaram algumas identificações bem como a possibilidade de refletir sobre minha função como supervisora.

Ao término da graduação participei de vários cursos, e em 1989 iniciei minha experiência como coordenadora de módulos de estudos da obra de Freud no CEEPU².

² Centro de Estudos e Eventos Psicanalíticos de Uberlândia. Sou membro fundadora desta instituição e trabalho atualmente como Diretora do Centro de Atendimento em Psicoterapia Psicanalítica – CAPP, desde 2001.

A escrita então foi minha companheira na construção dos conteúdos das aulas. Eu acabava por criar textos sobre o assunto estudado a fim de comunicá-los aos meus alunos e observava também quantos ‘anotadores’ sempre surgiam.

À medida que mantive esta experiência de transmissão da Psicanálise e de estudos, fui sendo incentivada ao caminho da escrita. A princípio surgiu o convite de um grupo³ de amigos estudiosos da psicanálise em Uberlândia, para falar sobre ‘Psicanálise na Contemporaneidade’⁴, num evento por eles promovido. Neste trabalho esboço em breves linhas a história da produção teórica na psicanálise, como também comento meu envolvimento com ela. Nesta primeira comunicação, minha experiência com a atividade da escrita já estava de certa forma impressa, quando declarei que: *“Quando penso na primeira (na história da psicanálise) penso nos escritos a que todos temos acesso. Já em relação à segunda (minha história com a psicanálise) só escrevendo como agora”*. Estes convites que nos fazem sentir grandes, fazem-nos também vivenciar o trabalho árduo de sofrermos como somos, pequenos e ousados como escritores, assim como comunicadores de um fazer singular, mas que pela comunic(ação) acabamos por criar um espaço de reflexão sobre a clínica psicanalítica vivida.

A possibilidade de ousar no campo da escrita, se mantinha sustentada na relação, sempre presente, entre os caminhos percorridos por meus mestres e autores no desenvolvimento de seus pensamentos, assim como pelo meu caminho com eles.

Na experiência com a prática de atendimento, a escrita reúne-se às vivências de análise pessoal, supervisão clínica e estudos da literatura psicanalítica. Estes três últimos fatores citados são fundamentados desde 1920, pela Associação Internacional de

³ Clínica Freudiana: Grupo de Estudos de Freud e Lacan em Uberlândia - MG

⁴ Evento: A Psicopatologia da vida Contemporânea; Novos desafios para a clínica?- realizado em 10 de julho de 1999, em Uberlândia, sendo promovido pela Clínica Freudiana.

Psicanálise (IPA –Internacional Psychoanalysis Asociacion) para a formação de psicanalistas (ROMERA, 1993).

O primeiro e grande mestre Freud, precursor desses fatores formadores essenciais no campo da psicanálise, deixou-nos também outro importante legado, o gesto ou um quarto fator, por assim dizer, que lhe foi significativamente característico - sua condição genuína de pensar por escrito. Isto permitiu o acesso, a possibilidade de aprendizagem e de (des)cobertas diárias a partir de seu modo de refletir sobre a psique humana e sobre aquela que seria sua ciência geral, - a Psicanálise. Com Freud e com outros autores psicanalistas que têm a escrita, como exercício de reflexão sobre o próprio fazer, encontrei guarida para meu estudo. De autora-anotadora, de estudante à psicóloga clínica e supervisora de estágio, surgia à possibilidade de ser autora-pesquisadora.

Como supervisora da teoria e da prática psicanalítica no Setor de Apoio e Orientação Psicopedagógica –SEAPS⁵, da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, tive e tenho a oportunidade de participar de um momento de escrita da experiência com a clínica produzida pelo estagiário, que é o relatório de estágio, assunto que tratarei adiante detalhadamente.

O trabalho de reflexão sobre a escrita, que foi se revelando autobiográfico, permitiu-me, em relação à função como supervisora de estágio em psicologia, o desafio de aprender a reconhecer, pela escrita, as idéias dos alunos oriundas da experiência deles com a clínica psicanalítica.

⁵ Setor de atendimento psicológico a alunos de graduação e pós-graduação que oferece também vagas de estágio em clínica psicanalítica para alunos do curso de psicologia da UFU.

Outros anotadores (estagiários de psicologia) foram encontrados ao longo dessa aventura que desejaram em algum momento serem autores. Foram estes anotadores que tomei em consideração num exercício de leitura de relatórios de estágio.

1.2. A narrativa da memória-recordação na supervisão clínica

(...) as idéias saborosas nem sempre vêm da novidade do acontecido, mais freqüentemente, elas vêm das descobertas possibilitadas pelo próprio contar (SAMPAIO, 2000, p.3).

Como psicóloga fui praticando a clínica psicanalítica e um campo de produção escrita se formou, que era o de relatar a experiência vivida com o paciente para supervisão. Iniciei esse percurso procurando registrar cada fala ocorrida na sessão de atendimento. Acontecia, porém, que meu mestre e supervisor⁶ era remetido às histórias que o caso lhe sugeria e as narrava a mim durante a supervisão. Eu aprendia sobre o caso pela contação de “causos”. Nesse sentido “(...) *surgia a ficção vista do ângulo da arte de comunicar-se, tratando de recursos retóricos de que dispõe o autor de epopéias, de romances, de novelas(...)*”(RICOEUR, 1997, p.304-305).

Buscávamos compreender porque e como um ‘autor’, no caso o paciente, transformava-se em personagem implicado e me implicava em sua história relacional, adotando este ou aquele disfarce, esta ou aquela máscara-identidade.

Ao relatar as sessões para supervisão tal como ocorriam (o que dizia o paciente e o que eu dizia a ele) fui aprendendo a narrar, a contar a história do paciente considerando sua relação comigo na sessão vivida.

⁶ Fernando Góes Torrecillas – Analista e Membro Associado da SBPSP

Certa vez aconteceu de nascer na supervisão, uma pequena estrofe para um trabalho⁷ produzido, sobre um caso atendido e supervisionado.

A estrofe⁸ produzida, quando nos demos conta, desenhava a condição psíquica do paciente na relação terapêutica. Assim o encontro de duas mentes, apontava a “*mobilização de uma variada gama de emoções, provocando turbulências emocionais em cada um dos elementos do par e pondo em ação múltiplos mecanismos do funcionamento psíquico*”, dignos de serem tomados em consideração para reflexão (BACCARIN, 2000, p.29).

Narrar temas da teoria e da prática clínica para eventos psicanalíticos, assim como, para supervisão produzia certo campo de tensão que incitava o exercício do pensar acerca do meu fazer. Havia nessas narrativas um aspecto que foi se revelando suficientemente significativo, a saber, a possibilidade de (re) conhecer minha prática por meio da escrita e da comunicação ao outro do que foi feito e vivido a partir dela, pois:

(...) a escrita possibilita uma dada configuração e organização do material que está em nós, com abertura para novas percepções e pensamentos, constituindo-se assim numa espécie de auto-supervisão. É um rever e re-viver do encontro com o paciente, que favorece um pensar mais aprofundado na supervisão e a partir dela (BACCARIN, 2000, p.32).

⁷ “Rimar dói: a experiência com a sensibilidade de um menino de 6 anos à escuta psicanalítica” – apresentado no II Encontro de Psicanálise da Clínica Freudiana realizado de 24 a 26 de maio de 2001 em Uberlândia.

⁸ A estrofe que nasceu da música ‘Felicidade’ de Monsuêto: Pus na balança, você não pesou . Mora na filosofia...Pra que rimar amor com dor? , ficou assim: Você pôs na balança, E eu estou pesando, Rimando amor com dor, E rimando rimar com remar... O paciente trouxe certa vez na sessão que rimar doía. Ele se referia às minhas falas sobre nossas brincadeiras na sessão de atendimento.

Estava eu atenta, motivada e reflexiva buscando considerar a condição de aprendizagem, por meio da escrita psicanalítica e vendo surgir concomitantemente à ela, um pequeno esboço de possibilidade de produção de conhecimento sobre o vivido.

1.3. Da experiência de ser orientada

*Quem ama inventa as coisas a que ama...
Talvez chegaste quando eu te sonhava.
Então de súbito acendeu-se a chama!
Era brasa dormida que acordava...
E era um revôo sobre a ruínia,
No ar atônito bimbavam sinos,
Tangidos por uns anjos peregrinos
Cujo dom é fazer ressurreições(...)
Mário Quintana, 1999, p.139.*

Estando eu inserida no Programa de Mestrado da UFU, uma nova condição de relação ia se estruturar neste percurso com a escrita. Minha orientadora apresentava-me o método da auto-organização, como possibilidade de organizar meu pensamento na escrita da dissertação. Tal método, que pode manter estreitas relações com outras epistemologias além da psicanalítica, como por exemplo, à fenomenológica, traz consigo, segundo Baccarin (2000) certa inspiração psicanalítica. Isto porque, de acordo com ela, a experiência com este método, dentre outras coisas, implica o autor da dissertação na pesquisa, no próprio ato de desenvolver e elaborar a mesma. O método da auto-organização foi utilizado por minha orientadora para a escrita de sua tese de doutorado: ‘Aprendendo a Pensar, Pensando o Aprender; as origens afetivas do pensar’.

Importante salientar que a referida autora relata que a condição de vínculo transferencialmente vivido na experiência de orientação alicerçou e possibilitou caracterizar tal método de escrita, numa inspiração psicanalítica.

A mim também se tornou gradativamente significativo, no uso deste método a consideração da produção que ocorria nos diálogos orientanda-orientadora. A leitura realizada pela minha orientadora, das escritas-esboços, que eu produzia apontavam que essas não eram *“a palavra final pronunciada, mas tratava-se de uma intenção significativa em estado nascente, que já é uma idéia-força, mas que não se conhece plenamente como idéia, porque não está formada; contudo já tem um poder de guiar”* (AMATUZZI, 1989, p.190).

A condição de deixar surgir o guia revelou características do método auto-organizativo, que conheci logo no início da vivência de orientação.

Redigir uma dissertação por meio deste método fez com que eu contasse com esboços de idéias possíveis que iriam se desenvolver durante o percurso do mestrado. Assim abriam-se muitos caminhos. Havia a liberdade de aguardar o que ia se mostrando de forma mais clara: objeto de pesquisa, problema, objetivos, metodologia, etc.

À medida que caminhávamos os esboços iam contendo idéias que permaneceram como uma espécie de linha-guia da intenção de pesquisa. Por exemplo, minha função como supervisora no estágio supervisionado do Setor de Apoio e Orientação Psicopedagógica - SEAPS era presente e dizia respeito, a princípio de forma ampla, ao ensino-transmissão da teoria e da técnica, bem como, à experiência de supervisão da prática clínica psicanalítica. Desse amplo espaço, um pequeno campo, bastante intrigante e frutífero, decorrente da experiência do estagiário com os dois aspectos anteriores, surgiu: o campo da produção de relatórios sobre a clínica psicanalítica lá vivida. À medida que transcorriam nossas conversas em orientação, surpreendi-me ao reler o percurso realizado até ali e verifiquei que em meu anteprojeto entregue para seleção de mestrado, esta última idéia estava de certa forma presente nele.

O método da auto-organização tornou possível tomar em consideração nascentes, alvoreceres, dantes desconhecidos, em estado de adormecimento. Como diria Freud (1969c) instigado pelas produções da psique humana: há algo que não deixa a mente em paz, nem dormindo, prova disto temos os sonhos. Mas é preciso alguém no outro (orientadora-analista) para ajudar a desvelar aquele que se mantém pulsando, mas que não pôde ainda ser recordado.

Os sujeitos, a prática clínica institucional, a função como supervisora permaneceram circunscrevendo um campo para a pesquisa, e a problemática em curso delineou-se. A questão que se configurou, com maior clareza, e passou a ser foco de investigação desta pesquisa foi à possibilidade de refletir sobre a escrita do relatório, no entanto pela leitura que era feita acerca deles no estágio.

“*Re-tornar (re-ler) às pegadas*” deixadas no caminho valia como condição de iluminação do que estava acontecendo nesse campo de investigação (HERRMANN, 2001b, p.12).

A vivência com o método da auto-organização nesse percurso movia-me e foi aos poucos revelando à mim e à minha orientadora, como diria Amatuzzi (1989), a mobilização interior capaz de guiar-nos, mas que só aos poucos foi se transformando em palavra pronunciada e posteriormente escrita.

No percurso de elaboração da pesquisa, a partir da utilização do método da auto-organização, percebi junto com minha orientadora, que a liberdade de “*acolher os pensamentos em busca de pensadores*” (BION 1988 apud BACCARIN, 2000, p.32) favoreceu descobertas e o desenvolvimento do tema. No entanto percebi também que para a efetivação da pesquisa era interessante atentarmos para o foco da mesma, quando muitas idéias convidavam à dispersão. Quando isto acontecia, a função da orientadora era de

alertar-me para não perder o foco. Estes momentos foram significativos, uma vez que eu percebia que nesta relação não só a pesquisa ganhava seus próprios contornos, mas eu também ia aprendendo a respeito dos próprios entraves neste percurso de transformar-me em autora de uma dissertação de mestrado. O caráter de auto-organização da escrita deixava surgir a condição de produção de um saber também sobre mim. Assim, cabia-me deixar surgir pela escrita a intenção e as condições para desenvolver a pesquisa. À minha orientadora cabia a leitura desta escrita, a fim de ajudar a trans (formar)-me em autora de uma dissertação de mestrado.

Algumas idéias que surgiram sobre o próprio método aplicado e que serviram a princípio de experiência à orientadora na produção de sua tese de doutorado, aplicadas a minha experiência de orientação com ela, tiveram repercussões diferenciadas, ou seja, funcionaram atendendo às diferenças pessoais. Nesse sentido um método que deixa surgir do outro, sua forma própria, guarda semelhanças com a postura psicanalítica de ajudar o emergir da subjetividade, pela experiência vivida na intersubjetividade.

A constituição de um diálogo produtivo de duas mentes que se permitiam viver a condição de dúvida, de questionamentos, permitiram também a orientanda e orientadora a busca de novos sentidos. Por vezes recordávamos “*um dito, já dito, porém vivido como jamais dito*” (FOUCAULT, 2000, p.25). O sentido se fazia para nós duas. Ele se recuperava no ato de orientação.

Pela especificidade que foi adquirindo o uso do método, ocorreu que a condição de diálogo trouxe-me o que chamei de campo de tensão. Minha orientadora perguntava-me sobre o que havia escrito, e eu hesitante tentava responder. A tensão da questão e a necessidade de manter o diálogo faziam-me pensar no que pretendia, no que desejava comunicar, que ainda não estava claro. Nesse sentido a experiência de orientação, torna-se

uma “*aprendizagem nomeada. (...) é preciso nomear para que não se percam os diversos elementos integrantes da experiência*” (REZENDE 1987 apud BACCARIN, 2000, p.41).

O uso do método tornou-se uma possibilidade de auto-organização e transformou-se em experiência (com) partilhada, originando à recordação das experiências com meus mestres, propiciando abertura para novos caminhos, bem como, para a linha guia de intenção de pesquisa, ensinando-me a aguardar o que ia se formando, se delineando em problema a ser pesquisado, refletido. Parece que surpreendentemente algo escapava a organização do pensamento para a escrita. Assim, configurou-se a proposta de percorrer como autora um caminho que se produziu no intercurso constante de vozes, de eus (meus e dos meus mestres).

1.4. Da função como supervisora de estágio.

De escrever narrativas de casos clínicos fui gradativamente me interessando pela narrativa da clínica produzida pelo estagiário de psicologia. Como psicóloga e supervisora clínica no SEAPS tenho a oportunidade de trabalhar com diversas atividades, dentre elas o estágio. No setor atendemos em psicoterapia alunos de graduação e pós-graduação da universidade; trabalhamos com projetos educativos (dinâmicas de grupo temáticas, palestras), com assessoria à comunidade universitária dirigida às questões estudantis, como o projeto: “Coordenadores de Curso em Alerta”, dentre outros, bem como realizamos pesquisas.

A partir de um pequeno histórico encontrado no SEAPS (sem data) identifiquei que o atendimento aos alunos da UFU remonta a década de setenta, mais especificamente agosto de 1976, época em que foi criada a Divisão de Orientação Profissional – DIVOP, com a finalidade de prestar orientação psicológica para alunos do curso de Medicina (e

posteriormente alunos de outros cursos), para professores e para funcionários da Universidade de Uberlândia – UnU e comunidade externa. Em 1979 foi que a UnU emancipou-se passando a ser Universidade Federal de Uberlândia. Já na Universidade de Uberlândia, a DIVOP fazia parte da Pró-Reitoria Estudantil e de Extensão.

Em 1980, com um conhecimento maior acerca da realidade universitária, que se ampliava, foram criados diversos setores a fim de atender às necessidades dos estudantes universitários. Foi criada inclusive a Diretoria Estudantil – DIRES.

Com o passar do tempo, particularmente em 1982, alguns serviços foram sendo gerados e diferenciados do atendimento ao aluno, como a Clínica de Psicologia para a comunidade externa, e a DIVAO – Divisão de Apoio e Orientação para funcionários da UFU e em 1985 foi implantado o estágio supervisionado de psicologia na DIVOP. Eu mesma tive a oportunidade de viver a experiência como estagiária desta divisão em 1987, ano em que me formei.

O ensino-transmissão da psicanálise que se dava predominantemente no curso de psicologia da UFU, estendeu-se à DIVOP (1985) e manteve-se no SEAPS (1992), por questões políticas deixou de ser divisão e passou a ser setor. Com o estágio as relações inter-setoriais estreitaram-se. Os relatórios finais com caráter avaliativo eram entregues à Coordenação do curso. De acordo com o histórico, os relatórios eram produzidos a fim de *“informar sobre a aquisição de maior entendimento teórico-vivencial dos casos atendidos”*⁹.

⁹ Documentos históricos do setor, sem data aparente, mas pela pesquisa de campo (narrativa das pessoas atuais do setor) referem-se ao ano de 1993, bem como, por comparação com os manuscritos encontrados em outros documentos da época.

O ensino-transmissão da psicanálise na universidade e em particular, na UFU, vem sendo tema importante de debate. Prova disto foram e são, por exemplo, os trabalhos de Romera (1993) sobre as condições de possibilidade de emergência da psicanálise no universo acadêmico, e Baccarin (2000) sobre a utilização do método da auto-organização de inspiração psicanalítica para pensar suas experiências de aprendizagem relacionadas à elaboração da tese.

No SEAPS o ensino-transmissão da psicanálise tem se dado predominantemente em atividades como: seminários clínicos, seminários teóricos e supervisão de casos. O relatório de estágio é uma atividade, de caráter informativo-avaliativo que responde institucionalmente à Faculdade de Psicologia sobre a experiência vivida pelos estagiários no setor. O estágio tem duração de um ano, os relatórios são produzidos em duas etapas, a primeira ao final do primeiro semestre e a outra no final do estágio.

Na função de supervisora da clínica psicanalítica, deparei-me com algumas questões: Seriam os relatórios produtos de um caráter informativo-avaliativo? Seriam eles produzidos somente com o intuito de responder às necessidades formais próprias de uma inter-relação (SEAPS/Curso de Psicologia) numa instituição de ensino superior? Ou ainda, feitos como um retorno do vivido no setor às supervisoras de estágio? Haveria uma forma possível de perceber a potencialidade da clínica vivida pelos estagiários, na produção dos relatórios? As questões levantadas haveriam de servir à construção do caminho da pesquisa.

2. DA QUESTÃO-PROBLEMA.

2.1. Do surgimento da questão-problema.

A partir da breve descrição feita sobre as atividades que temos no setor é possível observarmos que, em várias delas, nós supervisoras acompanhamos, oralmente, o caminho de formação dos estagiários como psicólogos clínicos, principalmente nos seminários e nas supervisões de casos atendidos. Neste sentido observamos a necessidade do aluno iniciante, de interpretações ‘sábias’ e de um modelo a imitar. Aos poucos procuramos ajudá-los a contarem com o discurso de seus próprios pacientes, com os deles mesmos, como contam com o nosso: “*nós os escutamos até o ponto de que eles se escutem no trabalho realizado*” (MARQUES; SANTOS, 2002, p.250).

Um outro momento em especial também passou a chamar-me a atenção devido ao seu caráter ambíguo, à sua condição portanto, problematizadora. O relatório de estágio tem sido lido como um texto informativo-avaliativo. Nosso objetivo tem sido o de acolher as informações nele contidas, bem como avaliar qualitativamente o desempenho do estagiário pelo trabalho desenvolvido no estágio. No entanto, a escrita do relatório, que tem pré-determinado um roteiro a seguir, revela a experiência vivida do estagiário com a clínica psicanalítica. Em minha função como supervisora-leitora do relatório, vejo surgir o “texto” produzido que serve a um relató(rio) informativo-avaliativo, tanto quanto revela um discurso produzido pela experiência no estágio.

Criava-se assim uma possibilidade de reflexão sobre o que estava a priori determinado como uma função de supervisão/leitura. O segundo aspecto (o discurso) ganhou força para mim e gerou a seguinte questão: saberíamos apreender, por meio da leitura do relatório, a clínica vivida e produzida em texto pelo estagiário?

Veremos, aos poucos, que a idéia não seria abandonar um dos aspectos explícitos que dão caráter ambíguo à postura-leitura, que servia à uma condição de avaliação. Porém considerando-a, percebia que a idéia até então proposta tinha por efeito a restrição aos possíveis sentidos desta produção. Estávamos nós, supervisoras e estagiários, limitados a uma produção de informações sobre a clínica vivida pelo aluno. Vale narrar o fato de que em reuniões de equipe e também com os alunos, diversas vezes surgiam idéias sobre como aproveitarmos mais dessas produções, mas... .

Mesmo preocupadas com a formação dos estagiários de psicologia saberíamos como reconhecer a potencialidade do ensino-transmissão da clínica psicanalítica no estágio? Saberíamos reconhecer a potencialidade clínica produzida pelo nosso estagiário? A fim de buscar responder a estas questões, vi-me diante do relatório tentando aprender a lê-lo, tentando aprender a ler o discurso ali proferido. Como intérprete em busca de sentido, fui percebendo a necessidade de considerar que:

(...) as palavras que são vividas como fundamentais (a partir de uma experiência), aquelas pelas quais os afetos se tornam dizíveis, mais exatamente, as representações atribuídas a eles, estas têm o poder de fazer existirem as coisas que elas nomeiam de forma nova. Isto porque existe nelas a força denotativa do dizer e o efeito da emoção, da surpresa (AULAGNIER, 1990, p.84).

Esta possibilidade de leitura, me fez perceber que, como supervisora, vários sentidos existiriam onde apenas um a princípio se precipitou, tornando insatisfatória a condição de exercer meu ofício. Teria que reconsiderar o que estava instituído, por exemplo, os critérios de leitura e avaliação, para descobrir qual leitura poderia revelar a potencialidade do que era feito, bem como do que era produzido pelo estagiário na clínica.

Reconsiderar o instituído levou-me a pensar sobre os critérios adotados, que estão destinados primeiramente a uma leitura estrutural do texto, ou seja, a construção textual do relatório, e veremos adiante que esta leitura merece a atenção devida dependendo de como e porque ela está sendo feita. Mas, daria ela (a leitura estrutural) conta do que procurava na leitura do relatório? Qual(is) leitura(s) possibilitaria(m) uma aproximação do objeto de pesquisa em questão?

De qualquer forma estava disposta a ler o que a escrita produzida no relatório pudesse falar acerca daquele aluno-herói na arte-ousadia de aprender, bem como de sua experiência produtora no campo da clínica.

Com “ares” de otimista em busca de heróis e produções eu fui a um re-encontro com o texto-relatório.

2.2. Do sentido informativo-avaliativo na leitura do relatório.

Há alguns anos temos seguido um roteiro básico de leitura-correção do relatório produzido pelos estagiários que determina critérios, que vão desde a formatação do trabalho, passando pela construção textual da experiência do estagiário no setor, em sua amplitude teórico-clínica e institucional, à bibliografia utilizada como sustentação das idéias nele contidas.

O contato, no entanto, com essa produção vista pelo ângulo da informação, deixava à vista enquanto supervisora-leitora, a construção de um texto que surge para além de seu roteiro pré-determinado. O caráter descritivo que deveria ter o relatório produzia discurso, ou seja, enquanto informava, ele também produzia condição de diálogo entre estagiário-autor e supervisora-leitora.

A condição avaliativa utilizada até então sobre os dados informados, em que certa estruturação coerente da escrita seria o suficiente, tanto quanto, o seguir o roteiro de produção do relatório, que é oferecido ao estagiário, cedia a uma curiosidade da supervisora-leitora, pelo que o autor-estagiário propunha em texto.

Surgia-lhe um dilema, pois o autor que produzia um texto a fim de informar sobre sua experiência, também criava diálogo.

Procurando pensar a condição de diálogo produzida pelo relatório de estágio, valia a possibilidade de corresponder a ele enquanto supervisora-dialogadora, pois havia ali a produção de um fazer, de que se fala a alguém.

Ao refletir quem seria na supervisora a ouvinte deste diálogo, vi-me diante da possibilidade de tentar aprender a ler, de aprender (re)lendo, (re)visitando o texto-relatório.

Nesse sentido, procurei buscar a ajuda de alguns escritores que tratam da narrativa da clínica, como também, procurei contar com a ajuda de um grande mestre e atento leitor, que deixou pela arte escrita de sua obra diversos exercícios de leitura sobre as produções do discurso humano: Freud.

O retorno a Freud seria a possibilidade de com ele, descobrir como poderia realizar a leitura da produção discursiva presente no texto-relatório.

3. A ESCRITA PSICANALÍTICA

3.1. Da narrativa da clínica.

(...) Nessa medida, mesmo admitindo com Freud que o símbolo é o que dissimula ou disfarça o desejo, ele é também o que o revela, aquilo que o designa (FRAYZE-PEREIRA, 2004, p.36).

Em seu texto – “O paciente como obra de arte: uma questão teórico-clínica” - publicado no livro ‘Pesquisando com o Método Psicanalítico’ João Frayze-Pereira (2004) faz uma reflexão do trabalho de Dana Rudelic-Fernandez¹⁰, intitulado “Linguagem do caso: modelos e modalidades”. Ele explicita a proposta da autora que o relato seria como uma metáfora do vivido; o caso clínico seria como uma construção.

De acordo com Frayze-Pereira a história clínica seria uma “*re-descrição*” (relato) e uma “*re-narração*” (texto) da ação, que é o tratamento cuja história mesma é modificada pelo próprio fato de ser narrada. O relato não segue um esquema narrativo dado, não busca sobrepor a uma verdade canônica, a uma verdade narrativa. “*Ele se torna passo a passo uma leitura circunstanciada, pontual, descontínua, desenhando o próprio espaço que ele investe*” (FRAYZE-PEREIRA, 2004, p.33).

A escrita do relató(rio) então se transformaria em texto, ao ser tecido, tanto para o narrador como para seu leitor. Nela estariam contidas palavras em ato ou efeito de tessitura.

Segundo Frayze-Pereira (2004), modelos como o literário e o hermenêutico presentes na narrativa deixam surgir a própria natureza da experiência psicanalítica que problematiza a idéia de haver uma única maneira de narrar um caso clínico. A singularidade do caso, ao invés, por exemplo, de derivar de uma trama de acontecimentos e de vinhetas que não dariam dimensão clínica ao escrito, derivam da:

¹⁰ Texto traduzido por João Frayze-Pereira para o Jornal de Psicanálise, São Paulo, 35(64/65):57-71, dez/2002.

(...)lógica discursiva, do encadeamento, da ordem que arranja os elementos de um tratamento numa estrutura, da condição que faz dele um caso. (...) desse ponto de vista, o modo de narrar pode ser revelador do modo de tratar, isto é, da atitude do analista junto ao seu paciente. (...) considerando que o caso se vincula à experiência clínica que é um de seus referentes, acredito que um paciente literariamente apresentado e hermenêuticamente compreendido deve Ter sido tratado clinicamente de modo compatível, isto é, como um ser singular que justifica tais leituras (FRAYZE-PEREIRA, 2004, p.34).

A narrativa do caso clínico se mostraria como uma leitura, indicadora de posturas assumidas, de condições vivas e vividas que a produção do texto suscitaria no autor e incitaria o leitor.

Considerar não simplesmente o caráter descritivo da experiência clínica vivida no relatório mas sua condição de produção, ou seja, a produção narrativa, textual, o “*corpo auto-referenciado, a junção insubstituível e sutil de uma forma e de uma significação*”. A partir de sua organização sensível, apreenderia seu “*duplo aspecto: o de mostrar-se a si mesma como corpo, como espaço-tempo próprio em sua imanência, e de suscitar, ao mesmo tempo, um sentido transcendente, um mundo, ou seja, um conjunto mais ou menos vasto de possibilidades de existência e de tonalidades afetivas*”, tornando-se, desta forma a narrativa, um objeto a ser escutado, lido, considerado, objeto de investigação (FRAYZE-PEREIRA, 2004, p.35).

3.2. Do autor-Investigador : o estilo freudiano de narrativa

Meu contato com a obra de Freud se deu em momentos distintos da minha vida. Hoje lê-lo é recordar mas também buscar em seu estilo, a condição de leitura por escrito como investigador, conhecendo as características de sua motivação para os fenômenos psíquicos, bem como, seu poder de transmissão desse conhecimento.

Freud nos deixou por escrito toda uma oportunidade de conhecer a psicanálise. Ao fazê-lo, deixou *viva* sua experiência de investigação da psique humana, criou um estilo de escrita literária e demonstrou verdadeiro apreço pelo seu leitor.

Sua escrita tem o poder de nos fazer “*participar da edificação de novas teorias*” e nos permite também, “*tramitar objeções às suas idéias, já no curso do trabalho em comum*” (LOFFREDO, 2002, p.176).

Como e por que isto acontece?

O estilo de Freud é “*centrado numa série de afirmações nucleares fortes, uma espécie de colcha de retalhos variegada cuja sistematização, em última análise, é deixada ao leitor. Ao mergulhar numa idéia em estudo*”, Freud era capaz de “*provocá-la hiperbolicamente até quase os limites da auto-contradição, progredindo em direção a uma idéia oposta ou colateral e repetindo novamente o procedimento*” (MAHONY, 1992, p.151).

O leitor que experimenta assim, “*vazantes e cheias de expressões em sua escrita, cuja harmonização não é preestabelecida, mas tocada progressivamente em perspectivas cumulativamente ajustadoras*”, assiste Freud se render “*não apenas ao impulso (de comunicar suas idéias), mas também às exigências do material sobre o qual trabalhava*” (MAHONY, 1992, p.152).

É pela escrita que o leitor tem a oportunidade de (re) tornar ao caminho, percorrido antes pelo próprio investigador.

Em sua relação com Fliess, tal exercício era por Freud inclusive solicitado literalmente:

Estou-lhe enviando as primeiras provas do capítulo introdutório (...) Se houver alguma coisa a que você faça objeção, mande-me a página com seus comentários(...). É impossível dizer-lhe o bem enorme que me faz seu vivo interesse nesse trabalho. Infelizmente, esse capítulo se revelará uma dura prova para o leitor (MASSON, 1986, p.364).

O aviso não era em vão e a preocupação com quem teria contato com seus escritos sempre esteve presente em Freud. Prova disto foi a escrita do artigo: “Algumas lições elementares de Psicanálise” (1940), em que ele possibilitou pensar a relevância que tem o modo de o analista comunicar sua atividade clínica, considerando seu lugar de produção e transmissão de conhecimento.

Os dois métodos de exposição referidos por Freud em seu texto receberam os nomes de: dogmático, pois este começaria “*diretamente pelo enunciado de suas conclusões*”, portanto se faria a exposição ‘final’ de um pensamento; e método genético, que seguiria “*o caminho ao longo do qual o próprio investigador viajou anteriormente*” (FREUD, 1969b, p.315).

Comunicar, expor suas idéias, era tarefa cara a Freud. No entanto, será pelo método genético/histórico que veremos as marcas de sua leitura, de sua condição investigativa.

Tal método tem por objetivo “*persuadir, levando o leitor pela mão, através de uma aventura investigativa, impregnada pela experiência concreta, pelas coisas vistas e ouvidas, lidas, sonhadas e pensadas*” (LOFFREDO, 2002, p.176).

A aventura é proposta por Freud feito ficção, por exemplo, quando seus “*conceitos se movem como seres vivos, escapando a todo intento de redução a um quadro sinóptico*” (HERRMANN, 2001a, p.101).

É que o sujeito da psicanálise ouvido por Freud, se conta, e ao contar-se evidencia sua forma viva de sentir, pensar e agir.

A semelhança que haveria entre os relatos de análise e os romances, por exemplo, diz respeito à natureza da psique humana, ou seja, à sua capacidade de “*capturar acontecimentos intensivos na forma de linguagem,(...) tanto quanto na forma de um encadeamento temporal significativo*”. Da mesma forma que o “*sujeito psicanalítico narra seus ‘romances’, a literatura narra as histórias que nos permitem figurar o infigurável, tocar as histórias que permaneceram silentes*” (SAMPAIO, 2000, p.4).

Atento aos detalhes dos relatos, de sonhos e de narrativas inclusive literárias, Freud nos põe a par da trama, ao seu desenrolar, numa atitude simultaneamente narrativa e interpretativa. Conservando “*o suspense dos acontecimentos*”, quanto de suas hipóteses, à medida de seu relato, ele vai “*construindo o clima*”, próprio da sua idéia de transferência, tal qual o escritor criativo da trama, na qual nos veremos sendo envolvidos (SAMPAIO, 2000).

A experiência transmitida ao leitor por Freud lhe é marca característica de vivência, de estudo, de investigação. A isto temos acesso também quando, em sua escrita, ele expressa sua estranheza frente à uma descoberta: “*Certo dia, para meu grande-espanto, descobri que a visão dos sonhos que mais se aproximava da verdade não era a médica, mas a popular(...)*”(FREUD, 1969i, p.673)

Três fatores merecem aqui nossa atenção: primeiro, que o conhecimento do sentido psíquico não se dá diretamente; segundo sabemos dele ao se produzir a partir da

experiência, e nesse momento, somos remetidos ao terceiro fator, que é, o estranhamento, essa condição particular de descoberta.

A perspectiva da escrita psicanalítica “*distingue uma forma totalizante e exaustiva de narrativa, de uma leitura fascinada por detalhes, que possibilitam articular os campos de uma dada experiência, mas que deixam sempre, ao mesmo tempo, as brechas em evidência*” (BIRMAN, 1996, p.79).

É pela condição de estranhamento que somos levados a pensar, a (re) conhecer o que antes nos soava desconhecido, mesmo percebendo também certa familiaridade.

Para Freud (1969h) a investigação das qualidades do sentir humano é essencialmente particular ao campo da psicanálise. Portanto é pela leitura estética da psique que temos acesso às suas condições de produção.

3.3. Da motivação pelos fenômenos psíquicos: a leitura estética

Do modelo freudiano de transmissão e produção de conhecimento em psicanálise à forma de leitura destacada em sua escrita, passamos agora a certas forças motivadoras ao estudo dos fenômenos psíquicos.

De acordo com Loffredo (2002), os métodos de transmissão de Freud tiveram origem nas ‘Conferências das Terças-feiras’ ministradas por seu mestre Charcot na Salpêtrière. De modo improvisado por não conhecer o paciente previamente, o professor acabava por comporta-se como se estivesse clinicando. Oferecia ao aluno a possibilidade de diagnosticar o enfermo junto ao leito, proporcionando, como no caso de Freud, uma forma de transmissão, de condição marcada pela proximidade entre mestre e aluno. Certamente com este mesmo mestre foi que Freud aprendeu a arte de observar arduamente seus experimentos, de investigá-los profundamente até aprender sobre estes com eles mesmos.

Pela forma de observação adquirida ao longo de sua vida na relação com seus mestres e pelo desejo de conquistar seu espaço de trabalho e reconhecimento, Freud pensava por escrito e, por causa disso, produzia obras, verdadeiros tratados sobre as especificidades do pensar analítico.

Seu famoso texto “O Estranho” de 1919, nos oferece um verdadeiro instrumental de análise da psique humana, pois abre possibilidades para novas investigações.

Eu já conhecia esse texto de Freud, mas ao revisitá-lo no caminho desta pesquisa, ele se revelou ainda mais surpreendente. Logo nos primeiros parágrafos de sua narrativa do conto, fui remetida, por algumas características como a morte do pai, às formações delirantes e à relação com a mulher amada ao caso clínico, “O Homem dos Ratos” (FREUD, 1969g).

A experiência de atendimento que impregnou Freud, provavelmente me impregnou também.

Em 1919, de posse do poder de produção da psique humana, Freud explora por meio de texto ‘O Estranho’, as potencialidades dela.

A impregnação, condição nascente de contato com a psique humana, acontece no texto assim que Freud nos alerta, para o objeto de pesquisa do psicanalista, pois ele: *“opera em outras camadas da vida mental, que pouco tem a ver com os impulsos emocionais dominados, os quais inibidos em seus objetivos e dependentes de uma hoste de fatores simultâneos ,fornecem habitualmente o material para o estudo da estética”* (FREUD, 1969h, p.275).

Segundo Freud, só raramente um psicanalista se sente impelido a pesquisar tal tema.

O tema do estranho, que é um ramo de estudo da estética, esteve comumente relacionado com o que é assustador, com o que provoca medo.

Detentor desta forma (estética) de leitura, Freud, como vimos no item anterior, questiona, excita ao ato reflexivo sobre essa condição humana de expressão e diz: “*Fica-se curioso para saber que núcleo comum é esse que nos permite distinguir como ‘estranhas’ determinadas coisas que estão dentro do campo do que é amedrontador*” (FREUD, 1969h, p.276).

Sua busca pelo sentido nos tratados de estética revelaram que só a natureza positiva dos sentimentos era considerada. Com Jentsch, em sua literatura médico-psicológica, Freud encontrou como fator essencial na origem do sentimento de estranheza, a incerteza intelectual. Ele considerou que tal idéia provavelmente não seria o único elemento importante para provocar tal ‘atmosfera’ – a estranheza.

No caminho de investigação dessa forma de expressão, Freud apresenta um rico conto de Hoffmann¹¹, quando pelas peripécias nobres do autor na escrita da estória, o tema (O Homem da Areia – que arranca os olhos das crianças) proposto se faz digno de ‘interpretação’.

Somos pela narrativa freudiana, postos em contato com os diversos detalhes que abrangem o drama do jovem Nataniel:

A despeito da sua felicidade presente, não pode banir as lembranças ligadas à morte misteriosa e apavorante do seu amado pai. Em certas noites, sua mãe costumava mandar as crianças cedo para a cama, prevenindo-as de que ‘o Homem da Areia estava chegando’; e, por certo, Nataniel não deixaria de ouvir os pesados passos de um visitante, com o qual o pai estaria ocupado toda a noite. Quando indagada acerca do Homem da Areia, a sua mãe na verdade negava que tal pessoa existisse, exceto como figura de linguagem; a babá, porém, lhe dava informações mais precisas.(...) Embora o pequeno Nataniel fosse sensível

¹¹ Uma tradução de ‘O Homem da Areia’ está incluída em *Eight Tales of Hoffmann*, traduzidos para o inglês por J. M. Cehen, Londres, Pan Books, 1952.

e tivesse idade bastante para não dar crédito à figura do Homem da Areia com tais horríveis atributos, ainda assim o medo fixou-se no seu coração. Determinou-se a descobrir que aparência tinha o Homem da Areia; e uma noite, quando o Homem da Areia era outra vez esperado, ele escondeu-se no escritório do pai. Reconheceu o visitante como sendo o advogado Copélio, uma pessoa repulsiva que amedrontava as crianças quando, ocasionalmente, aparecia para jantar; e ele agora identificava esse Copélio com o temido Homem da Areia (FREUD, 1969h, p.285-286).

Nesse momento, Freud nos chama a atenção em seu texto para a cena que se seguirá na obra de Hoffmann, quanto a ser o vivido um delírio ou uma sucessão de acontecimentos.

A beleza da leitura, e mais da leitura da leitura é que, antes mesmo da cena que se seguirá no texto, instalou-se em mim a dúvida enquanto leitora, sobre a condição de delírio e de ‘realidade’. Já na citação da estória como acima me referi essa impressão surgiu pela construção imaginativa de Nataniel: a de que o Homem da Areia existia, e era o Sr. Copélio, o visitante noturno que amedrontava crianças.

Mas, o que pretende nosso mestre?

A cena delírio/acontecimento traz o protagonista de forma contundente, ‘transferencialmente’ se assim posso me expressar, para a cena. O medo já não é só uma possibilidade, mas uma emoção vivida e compartilhada com os (co)adjuvantes.

Vale ao leitor, caso não conheça o texto, a narrativa de Freud da cena:

O pai e o convidado estão trabalhando num braseiro incandescente. O pequeno intrometido ouve Copélio invocar: Aqui os olhos! Aqui os olhos!, trai-se ao soltar um alto grito. Copélio apanha-o e está prestes a lançar brasas tiradas do fogo em seus olhos, jogando estes depois no braseiro, mas o pai lhe implora que solte o menino e salva-lhe os olhos. Depois

disso, o rapaz cai em profundo desfalecimento; e uma longa enfermidade põe fim à sua experiência. (FREUD, 1969h, p.286).

Nataniel cresce. É agora um estudante e na universidade crê reconhecer no vendedor de barômetros, o Sr. Coppola, o fantasma de horror de sua infância. Quando Nataniel recusa o barômetro, tal senhor prossegue: *“Tenho também ótimos olhos, ótimos olhos!”* (FREUD, 1969h, p.286).

O terror do estudante atenua-se, mas por um instante ele reconhece que o tal vendedor se referia a um pequeno telescópio. Ele o compra a fim de o utilizar para observar a bela, mas estranhamente silenciosa e imóvel filha de Spalanzani. Nataniel se apaixona por ela violentamente, a ponto de esquecer sua noiva. Mas Olímpia é um autômato, cujo mecanismo foi feito por Spalanzani e cujos olhos foram colocados por Coppola – o Homem da Areia. O estudante surpreende os dois mestres discutindo. Os olhos *“sangrentos”* de Olímpia estão no chão e o estudante sucumbe a um novo delírio. A recordação da morte do pai mistura-se a essa nova experiência. Cai então sobre o professor, o pai de Olímpia, e tenta estrangulá-lo (FREUD, 1969h, p.287).

Depois de algum tempo Nataniel, recuperado de uma enfermidade, pretende casar-se com sua noiva, com a qual se reconciliou. Agora passeiam pelo mercado da cidade. A convite da noiva sobem ao alto da torre da prefeitura. O cunhado fica aguardando por eles na rua. Na torre, ela lhe chama a atenção para um objeto que se move na rua. Nataniel com o telescópio comprado de Coppola, olha e cai num novo ataque de loucura. Grita e tenta jogar a garota da torre. Seu irmão vai até ela e a salva, ao mesmo tempo em que descem da torre. Nataniel berra: *“Gira, anel de fogo!”* Ou poderíamos dizer, olhos de fogo! (FREUD, 1969h, p.287)

No conto , a figura do advogado Copélio destaca-se em meio às pessoas na rua que observam Nataniel. Em relação à preocupação das pessoas de que alguém o tentasse tirar de lá, o advogado rindo diz: - *‘Esperem um pouco, ele vai descer por si próprio.’* Nataniel que reconhece Copélio na rua, grita: - *‘Sim , ótimos olhos’*, e se joga do alto da torre (FREUD, 1969h, p.287-288).

Freud assinala, tal qual o fez em ‘Escritores Criativos e Devaneios’, que pela leitura somos remetidos à condição de realidade ou de ficção de acordo com o interesse do autor. Reflete que este tem o direito de fazê-lo e, *“devemo-nos curvar”* à sua decisão e considerar a proposta (FREUD, 1969h, p.288).

Freud sugere uma postura para a leitura estética?

Uma postura passivamente-receptiva¹²?

De acordo com Freud, Hoffmann, no decorrer da estória, faz-nos olhar através dos ‘óculos’, do telescópio do demoníaco oculista, indicando a passagem para uma postura receptivamente-ativa¹³. Talvez, segundo nosso mestre, própria do autor em pessoa, que fez observações atentas através de tal instrumento.

O caráter de mobilidade psíquica desperta certa postura para a leitura, para a interpretação. Não nos esqueçamos que todo o esforço de refletir sobre o texto freudiano visa a aproximação às especificidades do pensar analítico.

¹² Essa expressão usada por Herrmann designa o lugar do analista que acompanha o discurso do paciente, não se prendendo às imagens que estão sendo aos poucos reveladas, sem tomar partido de nenhum personagem a princípio, mas trata-se de aguardar pela exata medida do dito o lugar que transferencialmente ele ocupará. In: Herrmann,F. Clínica Psicanalítica, Brasiliense:São Paulo,1991,p.52.

¹³ A receptividade-ativa ou o tomar em consideração, segundo Herrmann, diz respeito à um estado de detenção do espírito, que faz permanecer diante de nós aquilo que merece consideração, sob vários aspectos, imparcialmente, pelo tempo que merece. In: Herrmann,F. Clínica Psicanalítica, Brasiliense:São Paulo, 1991,p.53.

De uma postura passivamente-receptiva que se curva, que recebe ‘decisões’ e ‘propostas’, também faz olhar através, faz ocupar um lugar receptivamente-ativo e tem por esta forma, a chance de considerar o que foi sendo percebido.

Segundo Freud (1969h, p.288): “*A conclusão da história deixa bastante claro que Coppola, o oculista, é realmente o advogado Copélio e também, portanto, o Homem da Areia. Não se trata aqui, portanto, de uma questão de incerteza intelectual(...)*”.

Dois aspectos importantes são destacados em seu texto nesse sentido: primeiro que não sabemos o que temos à frente, a menos que nos curvemos (clinicamente) a seu intento. Até porque esse conhecimento não diminui a impressão de estranheza. Segundo, que a incerteza intelectual traz, pela sua natureza de racionalidade, a condição de leitura do dito pelo dito e não do ‘dito como um jamais dito’.

A explicação por meio da incerteza intelectual seria assim ‘insuficiente para dar conta’ da impressão de estranheza.

A produção de Freud nesse texto é grandiosa e devemos aproveitar seu ensejo.

Seguindo seu texto, vemos Freud destacar que o fundamento racionalista nega, por exemplo, que os temores em relação aos olhos derivem de outras construções. Assim esta forma de pensar se satisfaz com o simples fato de que é natural que um órgão precioso como o olho deva ser guardado por um medo proporcional (FREUD, 1969h, p.289).

Freud apresenta pequenos detalhes de suas idéias contidas em seus estudos dos sonhos, das fantasias e dos mitos. Leva o leitor à reflexão sobre a atividade imaginativa das crianças em seu sentido produzido e na relação que tem ferir os olhos com a castração.

Ele nos atenta para o caráter de derivação, de substituição que é próprio dos sonhos, mitos e fantasias. Por meio da investigação dessas formas de produção psíquica foi que Freud teve acesso à idéia de que as crianças têm medo de serem castradas.

Não se pode negar, como os racionalistas, que é a impressão de que em havendo uma ameaça de ser castrado, que excita de modo especial uma emoção particularmente violenta e obscura e que essa emoção dá, antes de tudo, intenso colorido à idéia de perder outros órgãos. Veremos adiante com Freud que a castração não é o único sentido que subjaz ao estranhamento humano. Lembremos que nos colocamos a caminhar lado a lado com um investigador.

(Re) conheçamos também que a leitura estética tem o poder de nos aproximar da condição psíquica humana, inclusive das intenções da mente do autor na produção de suas obras.

No texto, as peculiaridades próprias da leitura da psique se dirigem para o autor, numa postura interrogativa de Freud: *“Porque razão, então colocou Hoffmann essa ansiedade (de perder os órgãos) em relação tão íntima com a morte do pai? E porque o Homem da Areia aparece sempre como um perturbador do amor?”* (FREUD, 1969h, p.290).

Freud salienta que ele separa Nataniel de sua noiva e do irmão desta, seu melhor amigo; ele destrói o segundo objeto de seu amor Olímpia, a linda boneca, e o leva ao suicídio no momento em que recuperou a sua noiva com quem iria se casar.

O sentido *“perturbador do amor”* é interpretativo. Ele tem o poder de entrelaçar os diversos elementos da história que segundo Freud, *“parecem arbitrários e sem sentido”*, enquanto revela a condição da relação de Nataniel com a figura paterna, que se divide entre castrador e aquele que haveria de salvá-lo da castração (de Ter seus olhos arrancados). No entanto, o pai falece e seu substituto recebe o colorido de suas fantasias de castração, e de morte (FREUD, 1969h, p.290).

Assim Freud nos apresenta o ato de psicanalisar quando, impregnados pela emoção nos coloca no lugar de quem vê pelas lentes dos personagens e considera suas associações, que fazem circular o discurso. Um sentido surge, onde não havia sido possível e encontra abertura pela escuta atentamente receptiva.

O exercício de escrita de que Freud faz uso quando, por exemplo, nos apresenta seus interlocutores como Jentsch, permite-nos sempre retornar o sentido que têm suas descobertas sobre a psique. Freud cria um diálogo e revela suas pretensões.

Diz ele:

Arriscar-nos-emos, portanto, a referir o estranho efeito do Homem da Areia à ansiedade pertencente ao complexo de castração da infância. Contudo uma vez atingida a idéia de que podemos tornar um fator infantil como este responsável por sentimentos de estranheza, somos encorajados a verificar se podemos aplicá-lo a outros exemplos do estranho (FREUD, 1969h, p.291).

A força motivadora do artigo que estava ligada às peculiaridades estéticas da psique humana, pelo estudo do estranho, foi regida pelo temor de castração. Mas novamente seu ‘interlocutor’ no texto lhe ‘exige’ nova reflexão.

É divertido ver que um novo tema surge para Freud. A Freud não era a incerteza intelectual sobre a condição de vida ou de automação da boneca que justificava o despertar de estranheza, mas o tema, a produção do próprio autor. Como vimos personificada em seus atores como por exemplo: o Homem da Areia que, arrancava os olhos das crianças. A menos que Freud fosse investigar os motivos que levaram Jentsch a estudar este tema, a desenvolvê-lo, como fez com Hoffmann e essa já seria uma outra história, Freud o mantém em uma função importante, como interlocutor ‘insistente’. Assim nascem verdadeiros dilemas, pelos duelos que eles excitam.

Surge então no texto um outro tema, curiosamente a partir da ‘boneca que parece Ter vida’, de Jentsch. Ao leitor desavisado, este não é mais um autor com uma história, mas o mesmo Jentsch e a mesma proposição que, no entanto, Freud segue lendo por uma outra assertiva: a de que certamente as bonecas são intimamente ligadas com a vida infantil. Porém, as crianças não temem que as suas bonecas adquiram vida, mas... podem desejá-las.

Algo se complica, que segundo Freud “*pode ser útil mais tarde*” (FREUD, 1969h, p.292).

A produção de conhecimento sobre a psique em Freud não se extingue, quando os próprios fenômenos psíquicos são sua força motivadora.

De posse de algumas idéias da relação entre o estranhamento e a castração, Freud nos remete, no texto, ao que denominou de fenômeno do duplo. Trata-se da capacidade da psique de se duplicar a fim de se assegurar contra a destruição do ego, produzindo por isto, por exemplo, a forma imaginativa da alma imortal.

Essa idéia do duplicar como defesa, também a título de exemplo, faz existirem linguagens como a dos sonhos, a arte, ao produzirem um efeito reverso, transformando-se em anunciadores do que estamos exatamente desejando não ver, Ter conhecimento. Surge assim, estranhamente sentido, o que era para manter-se oculto.

De acordo com Freud (1969h), há uma condição de produção na psique, de projetos futuros, não cumpridos, mas possíveis, os quais gostamos de nos apegar, na fantasia e que nos esforçamos por fazê-los.

Acontece que só temos acesso a eles, por meio de um dito ou feito que já despertou certa qualidade de estranheza, ou seja, a de já Ter duplicado e acontecendo, já diz respeito a um outro sentido, o qual só teremos idéia, posteriormente. A vivência dessa experiência remonta às origens de nossa psique quando ainda não havia distinção de si e do mundo à

sua volta. Surge assim a condição produtiva de uma impressão tão cara à psicanálise: a de estranheza, pois dela deriva toda fonte de manifestação da mobilidade psíquica.

A impressão que tem o caráter revelador de mobilidade também traz em seu bojo o desamparo pela própria condição de não sermos senhores de nossa própria casa.

Sou remetida à lembrança que me veio logo no início da leitura do texto de Freud, quando ele nos apresenta sua leitura do conto e, à medida que os detalhes da vida de Nataniel são descritos, surge a mim, o caso clínico de Freud, o Homem dos Ratos. Minha primeira idéia foi comparar as semelhanças, entre os casos, considerando o falecimento do pai, as formações delirantes e a relação conflitiva com a mulher amada. Acontece que pensando posteriormente no sentido desta minha lembrança, e neste momento não estava mais sobre meus escritos. O que havia realmente chamado a minha atenção foi a forma de espanto com que Freud reagiu durante a narrativa do paciente: *“Nesse ponto eu soube, com assombro, que o pai do paciente, com quem afinal seus temores obsessivos estavam agora ocupados, falecera muitos anos antes”*(FREUD, 1969h, p.167).

A perda de um ente querido, e por causa deste fato a revelação de nossa condição de desamparo(original), com certeza é provocadora de angústia. A experiência de desamparo não necessariamente exige a morte efetiva, para se anunciar. Sempre que somos remetidos à diversas perdas, de distintos entes queridos, que produzimos, ‘duplicamos’, ao longo de nossas vidas, quando estes ‘falecem’ das mais diferentes formas, revelam-se a nós novos e familiares entes. Nesse sentido, minha participação nessa aventura pela leitura revelou aspectos atuais de minha própria vida, pela tonalidade dada por Freud em certo momento de sua escuta do caso. Afinal, a quais inúmeros sentidos poderiam estar tendo sua referência de espanto?

A leitura da narrativa de um caso ‘vivo’ é sempre campo de experiência, de troca, de forças em jogo entre autor e leitor. Freud, que conta suas histórias sobre a investigação da psique, as revela como texto vivo, bastando para isto que nos deixemos impregnar por ele, para também (des)cobrir com ele.

Vale lembrar, em síntese, que quando o estranho se origina de complexos infantis, a questão da realidade material não surge: O seu lugar é tomado pela ‘realidade psíquica’.

É dessa ‘realidade’ que se produz, que se ocupa o analista, em semelhança ao artista, quando aceita todas as condições que operam para produzir sentimentos estranhos na vida real e nos permite serem vistos pela sua obra, pelo discurso, a ponto de fazer dele seu valor, que é, o de considerar sua forma em condição excedente, de impacto revelador.

3.3. Da escritura do caso clínico

Há quem se refira, ‘homem das letras’¹⁴ e ‘homem das psicoanálises’¹⁵, sobre Freud, que criou a literatura psicanalítica ao narrar suas experiências clínicas.

Freud ensinou, segundo Rudelic-Fernandez (2002, p.64) que o relato de um tratamento é escrito a partir de um lugar enunciativo que, sempre “*móvel, o descentra, lhe escapa*”. Sua escrita revela a todo instante, seu espanto, sua surpresa de constatar o que surge de sua investigação. Há, portanto, “*um inconsciente do caso*” no sentido em que a história é nele trabalhada por “*um discurso e um desejo inconscientes*”. O trabalho de Freud no caso clínico é perceptível pelo caminho da linguagem, que evidencia um vaivém

¹⁴ Rorty,1979;Shafer,1978 e 1980-1981; Spence,1982, citados por: Rudelic-Fernandez, D. Linguagem do caso: modelos e modalidades, In: Jornal de Psicanálise, São Paulo, 35(64/65):57-71, dez/2002.

¹⁵ Mezan,R.Escrever a Clínica, São Paulo: Casa do Psicólogo,1998 p.239; Mahony,P. Freud como escritor, Rio de Janeiro: Imago,1992,p.33; Pontalis, J.-B Entrevista, In: Jornal de Psicanálise, São Paulo, 35(64/65):29-47, dez/2002.

constante e significativo, que está “*entre diálogos e narrativas, histórias e ficções, ficções e teorias*”.

Pelo estilo narrativo freudiano do caso clínico podemos ver desenvolver-se uma trajetória para chegar a nós, leitores, o conhecimento que se produziu a ele, ao fazer-nos andar por sobre suas pegadas.

De forma instigante, mesmo sem o contato direto com o ‘paciente’ da literatura (caso Schreber), Freud também permitia o acesso a essa condição de produção psíquica, pelo caminho de reflexão, que ele percorreu.

Por meio do contar, do narrar a experiência na forma impressa, o autor Freud inscrevia sua “*labilidade*”, tornando possível o dizer da clínica, - lugar de origem de sua investigação da psique - assim como, permitia ao leitor ocupar com ele o lugar de analista-narrador (ARRIGUCCI JR., 1998).

Se a literatura do início do século passado dava ao caráter ficcional da narrativa a idéia de que “*(...) o enredo deveria se construir sem quebra da ilusão ficcional, de forma que a própria história se contasse a si mesma, tal como refletida na mente das personagens nela envolvidas, evitando-se toda intrusão do narrador*”, vemos com Freud porém, um autor que preocupado com a transmissão de suas idéias¹⁶, considerava o sentimento de estranheza que delas se originaria pelo contato inicial com as mesmas. Nesse sentido, ele traçava um diálogo com seu leitor, utilizando um *modo direto* em que *criava a cena*¹⁷, ao mesmo tempo em que refletia sobre ela, sobre seus sentidos (ARRIGUCCI JR., 1998, p.13).

¹⁶ Em carta a Breuer de 26.6.1892 relativa a publicação de Estudos sobre histeria, Freud diz: Martiriza-me o problema de averiguar como se apresentaria nossa doutrina da histeria, que é algo tão corpóreo(...) (LOFFREDO,2002,p.176)

¹⁷ Aristóteles denominava de panorama e cena respectivamente, as modalidades narrativas (ARRIGUCCI JR.,D 1998, p.9-43).

Freud não só buscou na literatura uma possibilidade de exposição em profundidade dos processos da alma, como, nesse caminho, expôs-se no próprio processo de escrever.

Seu método de escrita que recebia certo fôlego do estilo literário, sofria a ação sistemática da associação livre que não se tratava de seu *pendor artístico*, mas sim, da *derivação* de sua “(...) *convicção sobre o estrito determinismo de toda ocorrência anímica.*” (FREUD 1920 apud LOFFREDO, 2002, p.180)

A condição de narrativa, de contação de histórias sempre em curso, nos apresenta algumas outras características do escritor, analista e leitor Freud. Misturando o lúdico e a estética em exercícios de anotações noturnas¹⁸, como, por exemplo, em cartas ao amigo Fliess, dizia Freud: “(...) *Para a ‘Psicologia do Cotidiano’, gostaria de lhe pedir emprestado aquele ótimo lema, Nun ist die Welt von diesem Spuk so voll¹⁹(...), no mais, tenho lido arqueologia grega e me deleitado com viagens que nunca farei e tesouros que jamais possuirei.*” (MASSON, 1986, p.428) A literatura que lhe propiciava lazer e prazer em semelhante medida excitava também suas obras, revelando por meio delas, sua forma de pensar impregnada pela condição de produção estética da psique humana.

De acordo com Herrmann (2004, p.61) “(...) *em todas as ciências, há uma parcela de arte combinada; na nossa, a arte envolvida é predominantemente a literatura, a qual, muito antes de nós, soube apreender e revelar o labiríntico e contraditório sentido da existência dos homens.*”

Se pelo estilo literário freudiano a narrativa psicanalítica tornou-se um exercício de desprendimento de sentidos sobre a produção psíquica, esta merece seu devido espaço

¹⁸ FREUD,S. (1909) Notas sobre um caso de neurose obsessiva, In: ESB Rio de Janeiro:Imago,1969, v.10. p164.

¹⁹ ‘Antes da escuridão eu buscava, assim era eu – antes de maldizer tão perversamente o mundo. Agora enchem o ar tantas formas assombradas, que ninguém sabe o melhor meio de escapar. Mesmo que o dia reluzia com brilho racional, a noite nos enreda em teias de sonhos’ (MASSON, 1986, p.428).

como campo de produção de um conhecimento ainda atual. Ou seja, a clínica que produzimos, de um fazer artesanal caro ao analista, teve e tem pelo modelo da escrita de Freud um alicerce consistente, portanto, digno de consideração.

Em sua motivação pelos fenômenos psíquicos, Freud gozava do prazer de suas descobertas tanto quanto sofria a dor pela resistência que encontrou, principalmente em seu tempo de vida, com relação às suas idéias.

Mesmo assim, ele atraiu, pelo poder de sua leitura estética da psique, certa simplicidade sobre o conhecimento que produzia dela, como também desconcertou seu leitor. Num cenário de forças contrárias que costuma se dar sempre quando alguém se arrisca ao exercício de criação, de apresentação do novo, também de outra forma Freud aproximou o leitor, com simplicidade e generosidade, do gesto por escrito de só iluminar o óbvio, revelando-o onde não o era.

A condição de iluminar o desconhecido revelou a condição interpretativa de seu estilo narrativo. Freud fez de sua escrita uma possibilidade de aprendizagem por meio do retorno aos seus passos, criou um método analítico. Esta tarefa nada pequena, no entanto, na condição de relação mestre-aprendiz, aponta o retorno como possibilidade de participar com Freud de sua narrativa em “(...)coisas acontecidas, como se estivéssemos de corpo presente”. O sentido forte do drama, da tragédia, do romance, na clínica e nas produções psíquicas que ele investigou de modo geral, fez surgir do fenômeno psíquico sua “(...)aparência, como algo verdadeiro” (ADORNO, 1980, p.272).

Esta ‘verdade’ é reveladora da orientação linguística de que se servia Freud. De acordo com Mahony (1992, p.208) a sensibilidade de Freud também como tradutor, ao se esforçar ao máximo para conservar a linguagem informal das lições de Charcot, o levava a fazer uso do léxico em questão. Demonstrava indubitavelmente a influência que tinha sua

convicção filológica de que “*os termos concretos de uma língua, em consequência da história do seu desenvolvimento, são mais ricos em associações do que os conceituais*”.

Diversos exemplos dessa convicção encontramos ao longo de sua obra, quando Freud se deixa impregnar e impregna seu leitor pelo repertório verbal do paciente.

3.3.1. O Caso Dora – das origens do psicanalisar.

A escrita para Freud tinha o sentido de “*autopreservação*” e servia como “*antídoto*” para muitas horas de escuta psicanalítica. (MAHONY,1992)

Diz ele ao amigo Fliess:

(...) Terminei ontem ‘Sonhos e Histeria’, e hoje já estou sentindo falta de um soporífero. Ele é um fragmento da análise de um caso de histeria em que as complicações se agrupam em torno de dois sonhos; assim, na verdade, é uma continuação do livro do sonho. Além disso, contém resoluções de sintomas histéricos e vislumbres dos fundamentos organo-sexuais do conjunto. É a coisa mais sutil que escrevi até agora e vai desconcertar as pessoas ainda mais do que de hábito (MASSON, 1986, p.434).

As sutilezas dessa escrita que ressoariam em seu leitor, por motivos bastante instigantes, tornaram-se neste momento de investigação teórica fundamentais. No texto de Freud - “Fragmento da análise de um caso de histeria” (1905), temos acesso às condições de possibilidade de seu atendimento clínico, revelado pelo tom de romance – transferencialmente vivido - em sua literatura psicanalítica.

Temos também às mudanças técnicas que serviriam de pilares à produção de conhecimento em psicanálise, assim como indicariam o caminho de cura com este procedimento analítico. Por fim, o acesso à importância do inconsciente do analista na

relação de análise, e em sua participação efetiva na relação com a paciente, pela (re) descoberta do sentido da transferência.

Esta última já estava contida na descrição dos processos oníricos, no capítulo VII da Interpretação dos Sonhos, como catexias associadas à representações inconscientes da natureza do infantil e do sexual, que seriam transferidas para representações pré-conscientes e resíduos diurnos a fim de compor o sonho manifesto.

Nos diz Freud: “*Temos aqui o fato da transferência*” referindo-se a possibilidade de compreender os fenômenos psíquicos presentes na vida mental dos neuróticos. De acordo com ele, uma idéia inconsciente é, como tal, inteiramente incapaz de ingressar no pré-consciente e só pode exercer ali algum efeito através da ligação com uma idéia que já pertence ao último, “*transferindo sua intensidade*” para ela e ficando ‘coberta’ pela mesma. (FREUD, 1969a, p.599)

A idéia de intensidade psíquica inconsciente em condição de transferência, de associação a uma outra idéia, a qual se ligaria, permearia a leitura freudiana da psique humana – estruturada como linguagem - a ponto de vê-la se produzindo na relação com o analista. Na associação à pessoa dele, o paciente teria a oportunidade de (re)viver os conflitos que emergem em busca de novos sentidos. As transferências não seriam devidas à pessoa do analista, mas ao que lhe foi transportado, para ser revivido. Ele seria uma espécie de personagem passivo-receptivo à trama que lhe fosse proposta. Este caráter de teatralização (os atores sofrem as consequências afetivas de ocupar o lugar de um personagem) que se dá no encontro analítico, tanto se presentificou na escrita freudiana devido à “*própria natureza da psique*”(FREUD, 1969e, p.209), que se manifesta transferindo ao outro suas idéias e emoções, quanto o fez colocar Dora como uma “*personagem*” (FREUD, 1969f, p.6) ao buscar resguardá-la éticamente. Apesar de tecer

detalhes contundentes sobre o caso, Freud inaugurava uma possibilidade de narrar, pública e cientificamente um caso clínico. Afinal, os pacientes que são levados às comunicações, são aqueles que o psicoterapeuta escutou. A partir daí, haveria abertura para transmitir a experiência com a clínica.

Acontece também que em se tornando personagem (co)adjuvante da peça viva do paciente, o analista teria seu inconsciente revelado e haveria de sofrer as conseqüências dessa revelação. Nos diz Freud (1969f, p.106,115-116):

(...) a transferência apanhou-me desprevenido, e, devido ao que havia de desconhecido em mim que a fazia lembrar-se de Herr K., ela vingou-se em mim como desejara vingar-se dele, abandonando-me do mesmo modo como se sentira abandonada e enganada por ele. (...)A interrupção tão inesperada, justamente quando estavam no auge minhas esperanças de concluir o tratamento com êxito, e a destruição destas esperanças eram um ato característico de vingança de sua parte.(...) Ninguém, como eu, que evoca os mais malignos demônios semidomesticados que habitam o peito humano e procura combatê-los, pode esperar sair incólume da luta.

Mas o que desencadearia tamanha potencialidade de reviver emoções inconscientes no campo da clínica?

Segundo Freud:

(...) o trabalho de análise partia dos sintomas e buscava esclarecê-los um após o outro. Desde então, abandonei essa técnica por achá-la totalmente inadequada para lidar com a estrutura mais delicada de uma neurose. Agora deixo o próprio paciente escolher o assunto do trabalho do dia, e desta forma parto de qualquer aspecto que seu inconsciente esteja apresentando à sua percepção no momento (FREUD,1969f, p10).

E conclui ele:

(...) neste plano tudo que tenha a ver com o esclarecimento de um determinado sintoma emerge pouco a pouco, entrelaçado em vários

contextos e distribuído por períodos de tempo grandemente apartados. Apesar desta visível desvantagem, a nova técnica é muito superior à antiga, e, na verdade, não pode subsistir dúvida de que é a única possível (FREUD, 1969f, p. 10).

Nestes dois parágrafos estão colocadas condições fundamentais tanto para a produção de conhecimento sobre a psique humana quanto a via de acesso e, portanto, de possibilidade de cura para esta.

Ao contar com a condição de produção do discurso do paciente, Freud deixou de explicar os sintomas e passou a buscar seus sentidos. Foi preciso então acompanhar ainda mais as sutilezas, as formas como esses se manifestavam, se ordenavam, se estruturavam, para ser o que eram. Freud partia do centro, de qualquer aspecto produzido pelo inconsciente do paciente e não mais esperava que este lhe narrasse uma história cronológica, pré-determinada.

Sua leitura se caracterizava não mais como a de um cartesiano, mas aproximava-se, paulatinamente, da de *“um arqueólogo consciencioso, a mencionar em cada caso, o ponto onde terminam as partes autênticas e começa meu trabalho de restauração”*, de análise (FREUD, 1969f, p.10).

Freud descobriu que ao deixar o paciente falar o que lhe viesse à mente, o analista perceberia surgir gradativamente sentidos que se entrelaçariam à narrativa do assunto, de tal forma a revelar aspectos peculiares, incomuns, que desenhariam as condições de possibilidade de um sintoma (sintoma). Nessa forma desenhada, em que o analista se encontraria nela alinhavado junto com o paciente, haveria a possibilidade de tocar o intocável que, no entanto, estava manifestamente à disposição.

Freud alegou, na escrita do caso Dora, que seu objetivo nesta “*história clínica foi o de demonstrar a íntima estrutura de uma perturbação neurótica e a determinação de seus sintomas*” (FREUD, 1969f, p.10). Porém, o leitor atento descobre a cada linha, rastros de uma leitura-guia que explora a forma psíquica manifesta na relação analítica, com exemplos, como:

(...) Quando um paciente desfia uma linha de argumentos sólida e incontestável durante o tratamento psicanalítico, é provável que o médico se sinta momentaneamente embaraçado, podendo o paciente aproveitar disto para perguntar: ‘Isto tudo é perfeitamente correto e exato, não é? Que deseja o Sr. modificar agora que lhe contei?’ Mas logo se torna evidente que o paciente está usando pensamentos desta espécie, que a análise não pode atingir, para o fim de acobertar outros que anseiam por escapar da crítica e da consciência (FREUD, 1969f, p.33).

A condição acobertante é indicadora do efeito de resistência a que venha à luz o que precisa manter-se, oculto, como bem vimos na leitura estética de Freud do estranho.

Nosso mestre seguiu assim na tessitura de sua obra sobre a clínica psicanalítica, procurando ser fiel à leitura do “*(...) rio cujas águas serão estranguladas por massas de rocha, dividas, e que se perderão em baixios e bancos de areia*” (FREUD, 1969f, p.13). Nós, seus leitores, fomos e somos convidados por ele a aprender por meio das aventuras contadas em romances, contos, dramas e tragédias, sobre o que as produções psíquicas podem nos permitir descobrir.

3.3.2. Do Caso Schreber – do conteúdo à forma das produções psíquicas, uma possibilidade de leitura psicanalítica do discurso escrito.

Buscando refletir sobre a extensão da arte interpretativa de Freud a um discurso escrito, me foi necessário retornar à história da psicanálise com a literatura e à complexa noção de voz na poesia e na psicanálise.

Esse caminho foi feito contando com a ajuda de Kon (2002) Ogden (1998) e Figueiredo (1998).

Primeiramente, parti de uma prerrogativa de Kon, em seu texto ‘Literatura Fantástica e Psicanálise’, a de que Freud construiu com a sua interpretação, “(...)um sonho compartilhado para o homem da modernidade, e vivido como realidade”(KON, 2002, p.153).

Essa condição de sonho compartilhado, vivido como realidade levada às últimas conseqüências, faz do pensar por escrito de Freud uma ‘pedra preciosa’. Em sua análise do caso Schreber, Freud cria um ‘paciente sem divã’ e tece interpretações considerando uma noção importante de voz. Nos diz ele:

(...) A investigação psicanalítica da paranóia seria completamente impossível se os próprios pacientes não possuíssem a peculiaridade de revelar (de forma distorcida, é verdade) exatamente aquelas coisas que outros neuróticos mantêm escondidas como segredo. Visto que os paranóicos não podem ser compelidos a superar suas resistências internas e desde que, de qualquer modo, só dizem o que resolvem dizer, decorre disso ser a paranóia um distúrbio em que o relatório escrito ou uma história clínica impressa podem tomar o lugar de um conhecimento pessoal do paciente. Por esta razão, penso ser legítimo basear interpretações analíticas na história clínica de um paciente que sofria de paranóia (ou, precisamente, de dementia paranoides) e a quem nunca vi,

mas que escreveu sua própria história clínica e publicou-a (FREUD, 2002, p.9-10).

Mesmo o leitor que porventura desconheça as obras completas de Freud ou há muito não retorne a elas, mas movido por conhecer e (re)conhecer sua forma de pensar queira aproximar-se de certo sentido interpretativo - inclusive, o sentido forte que tem essa arte, que é capaz de estender-se à leitura da cultura, da literatura, como de um caso clínico escrito pelo próprio autor-‘paciente’ - esse pequeno texto buscará servir a tal reflexão.

A primeira frase do parágrafo acima de Freud indica sua motivação pelo estudo da paranóia. A terceira indica o que fará com sua motivação – tecer interpretações analíticas. A segunda frase do parágrafo, que traz uma justificativa ao mesmo tempo baseada em idéias que Freud tinha sobre o tratamento de pacientes psicóticos, traz também um aspecto intrigante: o de que a escrita tem o poder de “*tomar o lugar*” do conhecimento – da voz, que não era a ele possível acessar de outra forma. Essa condição proposta indicou que o objeto da psicanálise é a psique em condição de produção de um discurso. A condição de revelação peculiarmente distorcida na escrita de um ‘doente dos nervos’, fez Freud, como veremos, transformar o texto em uma peculiar forma de ‘voz’.

Somos remetidos ao valor do ‘discurso-voz’ humano para Freud quando, desde a ‘cura pela fala’ no caso Anna O., passando pela ‘A interpretação dos Sonhos’, à Psicopatologia da Vida Cotidiana, aos Casos Clínicos, à leitura dos contos e histórias da literatura, enfim, percorrendo toda sua obra, este foi a rigor uma condição genuína de *produção psíquica* de que ele se serviu para descobrir a psicanálise.

Neste texto freudiano em questão, o ponto de partida é o ‘discurso-voz’ da paranóia.

Não é difícil observarmos que, ao se servir das produções psíquicas, Freud acabava por estar atento e ver desprender de sua forma peculiar as caracterizações singulares da psique humana.

Surge uma questão em nosso caminho: se o ‘discurso-voz’ se produz, que espécie de relação haveria entre seu modo de produção e a possibilidade de interpretação?

Em síntese, procurando na própria leitura do texto de Freud a ajuda para compreender a questão ficaria assim: como funcionou a interpretação analítica de Freud pela leitura do caso Schreber, de acordo com sua própria pretensão?

Vimos em itens anteriores Freud se servir de uma leitura estética, por exemplo, na leitura do conto de Hoffmann, quando a interpretação aconteceu à medida em que ele, atento à qualidade dos detalhes da trama, viu desprender o sentido de ‘perturbador do amor’, que entrelaçava, ao mesmo tempo em que ordenava, o sentido dos distintos tempos de acontecimento dos fatos na vida de relação do protagonista.

E no caso Schreber? O que e como aconteceu?

O livro de Freud (2002), dividido em quatro tópicos: História Clínica, Tentativas de Interpretação, Sobre o Mecanismo da Paranóia e Pós-escrito, revela uma forma de leitura dele, que permite ao leitor ver desenhar-se o lugar ocupado, tanto pelas palavras do próprio paciente, quanto pelas dos médicos que cuidaram de Schreber, assim como o próprio trabalho de análise de Freud. É possível também ver reconstituir-se a nós, leitores, a possibilidade de conhecermos Schreber enquanto paciente. Ou seja, Freud faz-nos ocupar nosso lugar de ouvintes sobre: o sofrimento, a doença, a história de vida, as crises, os sintomas, a relação com os médicos, a ambivalência frente a relação com a realidade, a relação genética dos delírios. Assim, Schreber torna-se autor-‘paciente’ compartilhado.

Nessa escuta em que somos já meio leitores-analistas de Schreber, o ouvimos contar que duas vezes sofreu de distúrbios dos nervos por “*excessiva tensão mental*”; que era tomado em sonhos pela “*idéia de retorno*” de seu distúrbio. Encontrando-se entre o sono e a vigília, ocorreu-lhe certa vez, a idéia de que “*deveria ser realmente muito bom ser mulher e desta forma submeter-se ao ato sexual.*” (FREUD, 2002, p.14)

Seu segundo momento de ‘distúrbio intenso’ se deu por meio de um torturante acesso de insônia, que o forçou a retornar à clínica do Dr. Flechsig. Era tomado de idéias hipocondríacas, como o amolecimento do cérebro, e que morreria cedo. A intensidade presente na forma como ele se sentia afetado, as idéias inclusive retornantes e as condições de possibilidade de fragmentação e morte nos conduziram à psicose, na leitura de Freud do texto de Schreber.

Aos poucos, idéias de perseguição que esporadicamente surgiam, tornaram-se ilusões visuais e auditivas, bastante frequentes. Schreber acreditava estar morto, e assim era manejado de maneira revoltante, tudo em nome de um intuito sagrado. Sentia-se perseguido e prejudicado pela pessoa de seu médico, o Dr. Flechsig, a quem chamava de ‘*assassino da alma*’ (FREUD, 2002, p.15). Essa expressão permeará manifestamente todo o ‘discurso-voz’ de Schreber pela leitura de Freud. Esta forma de leitura atenta ao possível entrelaçamento de uma idéia às produções delirantes da vida de relação de Schreber, já demonstrava também, como veremos, certo gesto interpretativo de nosso mestre.

A Freud, o lugar ocupado pelo leitor-analista diante da forma narrativa de Schreber possibilitaria acessar o tom de sua investigação, pois:

O interesse sentido pelo psiquiatra militante em formações delirantes como estas exaure-se, geralmente, uma vez haja determinado o caráter dos produtos do delírio e feito uma estimativa de sua influência sobre a conduta geral do paciente; em seu caso, maravilhar-se não é o início da

compreensão. O psicanalista, à luz de seu conhecimento das psiconeuroses, aborda o assunto com a suspeita de que mesmo estruturas de pensamento tão extraordinárias como estas, e tão afastadas de nossas modalidades comuns de pensar, derivam, todavia, dos mais gerais e compreensíveis impulsos da mente humana; e gostaria de descobrir os motivos de tal transformação, bem como a maneira pela qual ela se realizou. Com este objetivo em vista, desejará aprofundar-se mais nos pormenores do delírio e na história de seu desenvolvimento (FREUD, 2002, p.20).

Ao indicar que estaríamos entre expressões e lugares, entre ditos e ‘transferências’, Freud distinguia a postura do médico-psiquiatra da de psicanalista. Onde haveria o interesse pela sinopse do caso e a preocupação com a estimativa de afetação do delírio para o comportamento geral do paciente, haveria de ser Ter entusiasmo, e certo estado de suspeita sobre o que soa extraordinário e uma motivação significativa pelas produções capazes de se realizar. Haveria de se Ter vontade de se aprofundar, aventurar-se nos pormenores do delírio. Como na poesia de Stevens: “*É preciso Ter um espírito de inverno, para enxergar a geada e os galhos(...)*” (OGDEN, 1998, p.594). Iniciava-se a possibilidade de aproximação ao discurso escrito em que o autor que se move no texto, também provoca o ‘espírito’ do analista, permitindo que a forma peculiar de manifestação do discurso seja ouvida.

Os relatórios dos médicos que se ofereceram à análise de Freud, desaparecem aos poucos e a ‘voz’ de Schreber, em suas memórias, surge com força. De acordo com Dr. Schreber, uma conspiração contra si havia sido levada a um ponto culminante por volta de março ou abril de 1894. Nesse período Dr. Schreber retorna pela segunda vez à clínica do Dr. Flechsig. O objetivo desta conspiração era conseguir que, uma vez que sua doença

houvesse sido reconhecida como incurável ou assim admitida, ele seria entregue a certa pessoa, de maneira

(...) específica: sua alma deveria a esta ser entregue, mas seu corpo, em função de uma má compreensão, segundo ele, do propósito subjacente à ‘Ordem das Coisas’ (isto é, para satisfação dos apetites sexuais de um indivíduo), deveria ser transformado num corpo feminino e como tal seria entregue à pessoa (Dr. Flechsig) em apreço para fins de abusos sexuais. Seria então simplesmente ‘deixado de lado’ - o que significava ser entregue à corrupção (FREUD, 2002, p.21).

O valor da complexidade das produções psíquicas estava posto. O ‘autor-paciente’ desfiava detalhes que exigiriam condições de uma escuta-leitura des-atenta. Haveríamos de ouvir/ler sua forma complexa, produzida como ‘voz-escrita’ que *adquire vida*, através da linguagem.

“A concepção de voz desta forma, aplicaria-se a qualquer forma de utilização da linguagem seja na poesia, na ficção, na prosa, no drama, no diálogo analítico ou nas conversas do dia-a-dia.” (OGDEN, 1998, p.586)

De acordo com Ogden (1998, p.588), *“o leitor escutará por si mesmo com seus próprios ouvidos e com sua própria sensibilidade emocional, as vozes com as quais, por exemplo, o poema fala e com as quais ele, o leitor, fala o poema,(...)”* mergulhando fundo na linguagem, será a este permitido que ela produza sentido naquele que nela mergulhou.

Prosseguindo um pouco mais com a leitura de Freud, do Dr. Schreber em suas memórias, nos diz este:

(...) era perfeitamente natural que, do ponto de vista humano (único pelo qual, àquela época, eu era ainda principalmente dirigido), encarasse o Professor Flechsig ou sua alma como meu único verdadeiro inimigo (...), e que eu considerasse Deus Todo Poderoso como aliado natural.

Simplesmente, diz Schreber, imaginei que Ele se achava em grande dificuldade com referência ao Professor Flechsig e, por conseguinte, senti-me obrigado a apoiá-lo por todos os meios concebíveis, até o extremo de sacrificar-me a mim mesmo. Só muito mais tarde foi que me ocorreu a idéia de que o próprio Deus havia desempenhado o papel de cúmplice, senão de instigador, na conspiração em que minha alma deveria ser assassinada e meu corpo usado como o de uma rameira. De fato, posso dizer que esta idéia em parte só se tornou claramente consciente para mim enquanto escrevia o presente trabalho (FREUD, 2002, p.22).

Vemos que a “conspiração” que faria Dr. Schreber ser visto como um louco, o deixaria a mercê das almas (pessoas de seus médicos), que dele abusariam sexualmente pela intenção subjacente a tal ‘Ordem das Coisas’, que transformaria seu corpo masculino em feminino. Haveria um poder maior, de influência e com papel inclusive de instigador junto a todo processo de conspiração, a figura de Deus, o Todo-Poderoso.

A idéia então era a de que sua alma seria assassinada, de que ele seria emasculado, castrado, a fim de não poder satisfazer seus interesses sexuais, e seu entendimento seria destruído. Porém, estando a tal ‘Ordem das Coisas’ do ‘seu lado’, as tentativas dos Poderosos seriam em vão.

Uma forma de relação vai se desenhando no ‘discurso-voz’ de Dr. Schreber, pelo recorte de Freud em sua leitura das *Denkwürdigkeiten* (memórias) deste. O esforço do autor-‘paciente’ em encontrar “um propósito em harmonia com a Ordem das Coisas”, achava-se, segundo Schreber, dentro dos limites da possibilidade de proporcionar a solução de seu conflito, o que indicava a tentativa de que houvesse uma saída para a complexidade que se formava pelo temor do assassinato de sua alma, de sua emasculação e a destruição de seu entendimento.

Segundo Freud, nas afirmações apresentadas pelo Dr. Schreber, era possível perceber a importância decisiva do delírio da emasculação “(...), as ‘vozes’ que o paciente ouvia nunca tratavam de sua transformação em mulher como algo que não fosse uma ignomínia sexual, o que lhes fornecia desculpa para dele zombar” (FREUD, 2002. p.22).

De acordo com Freud as vozes tinham efeito excessivo, antes mesmo de Schreber sentir o que ele denominou de ‘*excesso de trabalho em Dresden*’. Assim a tensão mental se produzia de forma incessante em sua mente. Nos diz Schreber:

Agora, contudo, dei-me claramente conta de que a Ordem das Coisas exigia imperativamente a minha emasculação, gostasse ou não disso pessoalmente, e que nenhum caminho razoável se abre a mim exceto reconciliar-me com o pensamento de ser transformado em mulher. A outra consequência de minha emasculação, naturalmente, só poderia ser a minha fecundação por raios divinos, a fim de que uma nova raça de homens pudesse ser criada (FREUD, 2002, p.23-24)(Grifo meu).

De acordo com Freud a idéia de ser transformado em mulher foi “*a característica saliente e o germe mais primitivo*” de seu sistema delirante, levando-nos a perceber aí um novo gesto interpretativo. Segundo Freud, esses fatores mostraram também ser a única parte deste sistema que persistiu após a cura e a única que pode permanecer em sua conduta na vida real, após ele haver-se restabelecido, pois nos diz Schreber:

A única coisa que poderia parecer disparatada aos olhos de outras pessoas é o fato, já afluído no relatório do perito, de que sou às vezes encontrado parado em frente do espelho ou em outro lugar, com a parte superior de meu copo desnuda e usando adornos femininos variados, tais como fitas, colares falsos e similares. Isto só ocorre, posso acrescentar, quando estou sozinho, e nunca, pelo menos na medida em que posso evita-lo, na presença de outras pessoas (FREUD, 2002, p.24, grifos do autor).

Segundo Freud, a atitude de ‘nosso’ paciente para com Deus é tão singular e cheia de contradições internas, que é preciso mais que um pouco de fé para persistir na crença de que, não obstante, haveria “*método*”, ou seja, certa lógica em seus delírios (FREUD, 2002, p.25).

Com auxílio do Dr.Schreber em suas Denkwürdigkeiten , temos agora, de acordo com Freud, (...) de esforçar-nos por chegar a uma visão mais exata de seu sistema teológico-psicológico, e devemos expor suas opiniões(...). Em todos os pontos de sua teoria, ficaremos impressionados pela espantosa mistura do banal e do brilhante, do que foi tomado emprestado e do que é original (FREUD, 2002, p.25).

Estava posta também assim, a condição que poderia dar vazão aos sentidos produtores dos delírios.

Freud apresenta o ‘discurso-voz’ disponível em detalhes, aproxima o leitor-analista, gradativamente às qualidades da tessitura do Dr. Schreber. Por exemplo, sobre os nervos do corpo que conteriam a alma humana, tratando-se estes de estruturas de extraordinária finura, que sendo apropriados apenas para a recepção de percepções sensoriais, também têm a função de executar todas as funções da mente. No entanto, a eles aos poucos é destinada certa característica sexual, inclusive a criação de uma teoria para explicar a hereditariedade: “*O sêmen masculino*”, declara Dr. Schreber, “*contém um nervo que pertence ao pai e une-se com um nervo tirado do corpo da mãe, para formar uma nova entidade.*” (FREUD, 2002, p.25) Aqui, portanto, encontramos uma *qualidade* que propriamente pertence ao espermatozóide transferida para os nervos, o que torna provável que os ‘nervos’ de Schreber derivem da esfera de idéias vinculadas à sexualidade.

Não raramente Freud salienta acontecer nas *Denkwürdigkeiten*, uma nota incidental sobre algum item da teoria delirante fornecer a indicação desejada da gênese do delírio e, assim, de seu significado.

Da mesma forma que o autor-‘paciente’ indica pelo ‘discurso-voz’ seu caminho de produção delirante, deixando por ele as marcas de sua subjetividade pelas qualidades que colorem os delírios, o mesmo se realiza em sua vida de relação. Os personagens com quem Dr. Schreber se relacionava eram detalhadamente caracterizados. O próprio Deus, segundo Freud, não era uma entidade simples: “*Acima das ‘ante-salas’ do Céu pairava o próprio Deus. Seus domínios posteriores eram divididos estranhamente em duas partes, de modo que um Deus inferior se diferenciava de um Deus superior*”. Com referência ao significado desta distinção, Schreber, segundo Freud, só nos pode informar que o Deus inferior era mais especialmente ligado aos povos de uma raça escura e o Deus superior aos de uma raça loura; e “*nem seria razoável, em assuntos tão elevados, esperar mais do conhecimento humano*”, dizia o próprio Schreber (FREUD, 2002, p.27). Apesar de sob certos aspectos, o Deus Todo-Poderoso formar uma unidade, o Deus inferior e o superior deveriam ser considerados como seres separados. Cada um deles possuiria seu próprio egoísmo e instinto particular de auto-preservação.

Esses dois seres divinos, segundo Freud, comportavam-se de maneira inteiramente diferente em relação ao infeliz Schreber, durante o estágio agudo da doença. Percebemos pelo ‘discurso-voz’ como eles eram humanizados por ele de forma espetacular. O instinto, por exemplo, de auto-preservação, era despertado em Deus e então tornava-se evidente que Ele se achava muito afastado da perfeição que lhe era atribuída pelas religiões. Ressoava certa amarga queixa por parte de Schreber de que Deus, “*estando acostumado apenas à*

comunicação com os mortos, 'não compreenderia os homens vivos'." (FREUD, 2002, p.28)

A peculiar condição de incompreensão de Deus se presentificará quando esse personagem assumir identidade histórica na vida do Dr. Schreber pela análise de Freud, ou seja, assumir certa condição de relação genética. De acordo com Freud, se o relatório médico poderia facilmente levar-nos a supor que Schreber apresentava a forma corriqueira de fantasia de Redentor, na qual o paciente acredita ser o filho de Deus, destinado a salvar o mundo de sua desgraça ou da destruição que o ameaça, e assim por diante, nos diz ele: "(...) *é por esta razão que tive o cuidado de apresentar com pormenores as peculiaridades da relação de Schreber com Deus.*" (FREUD, 2002, p.33)

A importância dessa relação para o resto da humanidade, segundo Freud, só raramente era mencionada nas *Denkwürdigkeiten* e apenas na última fase de sua formação delirante, isto acontece. Nenhuma tentativa de explicar o caso de Schreber, de acordo com Freud, teria a possibilidade de ser correta, "*se não levar em consideração essas peculiaridades de sua concepção de Deus, essa mistura de reverência e rebeldia em sua atitude para com Ele.*" Acompanhar essa condição de relação fez Freud impregnar-se de tal maneira pela leitura de Schreber de sua vida de relação, que nos diz ele: "*Fazem-se portanto repetidas tentativas de encontrar justificção para a conduta de Deus em relação ao paciente(...)*".(FREUD, 2002, p.33)

Nesse sentido podemos refletir, por exemplo, sobre o estado de beatitude para Schreber, que aparece estreitamente vinculado a Deus, e permite ver que tal estado de *'fruição ininterrupta, ligado a contemplação de Deus'*, nos faz saber que para ele havia distinção entre um estado de beatitude masculino e outro feminino. O estado masculino de

beatitude era superior ao feminino, que parece ter consistido principalmente numa sensação ininterrupta de voluptuosidade.

A sensação de voluptuosidade, de acordo com Schreber, se achava em estreito relacionamento - até então não perceptível ao resto da humanidade com o estado de beatitude fruído pelos espíritos que já não mais se acham aqui. Em que espíritos ausentes a voluptuosidade de Schreber encontraria estreito relacionamento? Descobriremos, segundo Freud, que na verdade, este relacionamento estreito é a “*rocha*” sobre a qual o paciente funda suas esperanças de uma reconciliação final com Deus e de que seus sofrimentos recebam um fim. Segundo Schreber, os raios de Deus abandonariam “*sua hostilidade*” assim que certificassem de que, sendo absorvidos pelo corpo dele (de Schreber), experimentariam “*voluptuosidade espiritual*”; o próprio Deus *exige* poder encontrar voluptuosidade nele e “*ameaça-o*” com a retirada de seus raios, se se esquecer de cultivar a voluptuosidade e não puder oferecer a Deus o que Ele “*exige*” (FREUD, 2002, p.35).

Antes de sua doença, Freud indica que Schreber era ascético à sexualidade e que havia sido um descrente com referência a Deus. Após a mesma, tornou-se crente em Deus e devoto da voluptuosidade. Entretanto, como sua fé em Deus reconquistada era do “*tipo peculiar*”, assim também a fruição sexual que havia alcançado para si próprio era de “*caráter muito raro*”, segundo Freud. Não era a liberdade sexual de um homem, mas os sentimentos sexuais de uma mulher que estavam em questão. Schreber necessitava assumir uma atitude feminina para com Deus, sentir-se a esposa Dele.

Freud relembra o sonho que o paciente havia tido durante o período de incubação de sua enfermidade, antes de mudar-se para Dresden, tornava claro, acima de qualquer dúvida,

tratando-se seu delírio de ser transformado em mulher nada mais, que a realização do conteúdo desse sonho²⁰.

No sistema de Schreber, os dois elementos principais de seus delírios - sua transformação em mulher e sua relação favorecida com Deus - achavam-se vinculados na adoção de uma atitude feminina para com este. De acordo com Freud seria inevitável ter que demonstrar que existe “*uma relação genética essencial*” entre esses dois elementos, bastando para isto, que apenas sigamos, segundo ele: “*(...)nossa técnica psicanalítica habitual, – temos de despir a frase de sua forma negativa, tomar o exemplo como sendo a coisa real(...)*” (FREUD, 2002, p.43)

Desta forma porque Deus não compreende os homens vivos? Se o Deus de Schreber lhe é tão particular, como desconsiderá-lo enquanto personagem fictício/real em sua vida?

A regra do mestre, aparentemente simples, no entanto, exige destreza, uma atenção peculiar, praticamente da mesma ordem da que se produz com a análise dos sonhos, do discurso na clínica. É preciso familiaridade com a forma de investigação da psique, proposta pela psicanálise.

Exemplos dessa forma de investigação estão disponíveis em praticamente toda a obra de Freud. Nesse sentido outro fator relevante contribuía com a postura-leitura de nosso mestre no caso Schreber. Freud se percebe diante de uma política de restrição, pois nas leituras das *Denkwürdigkeiten*, esta foi eficaz, a ponto de afastar do nosso conhecimento, segundo Freud, considerável parte do material – a parte também que, com toda probabilidade, teria lançado a luz mais importante sobre o caso. No terceiro capítulo do livro de Schreber, ele o inicia com um anúncio promissor:

²⁰ Sonho referido na página 58 deste estudo.

Passarei agora a descrever certos acontecimentos ocorridos com outros membros de minha família e que podem, concebivelmente, achar-se vinculados ao assassinato de alma que postulei: pois há de qualquer modo, algo mais ou menos problemático a respeito de todos eles, algo não facilmente explicável segundo as linhas da experiência humana comum (FREUD, 2002, p.46).

Porém, de acordo com Freud, a frase posterior, que é também a última do capítulo, restringe a proposta: *“O restante deste capítulo foi retirado de impressão por ser impróprio para publicação” (FREUD, 2002, p.46).*

Desse modo, Freud nos diz: *“terei de dar-me por satisfeito se conseguir pelo menos, com algum grau de certeza, remontar o núcleo da estrutura delirante a motivos humanos familiares” (FREUD, 2002, p.46).*

A forma investigativa está plena da experiência de buscar vencer à exaustão os obstáculos que tivermos diante de nós pelo discurso.

De acordo com Freud recordaremos que o Deus de Schreber e as relações deste com Ele exibiam características bastante curiosas: apresentavam uma estranha mistura de crítica blasfema e insubordinação amotinada, por um lado, e de devoção reverente, por outro. Deus, segundo Schreber:

(...) sucumbira à influência desencaminhadora do Dr.Flechsig: era incapaz de aprender qualquer coisa pela experiência e não compreendia os homens vivos, porque só sabia lidar com cadáveres, e manifestava o Seu poder numa sucessão de milagres que, por espantosos que fossem, eram todavia, fúteis e ridículos (FREUD, 2002, p.62).

À medida que nosso autor-‘paciente’ se implica demasiadamente em sua escrita, deixando marcas singulares que transcendem às suas intenções, alguém em nosso mestre se põe a ouvir o que estranhamente se tornaria conhecido da vida de relação do Dr. Schreber.

De implicar-se com a leitura do ‘discurso-voz’ do autor-‘paciente’, Freud “*cria o distanciamento oportuno que revela a estranheza do subentendido, tanto quanto, o conhecimento que aos poucos se anunciava.*” (FIGUEIREDO, 1998, p.605)

Ora, diz Freud (2002, p.18): “*o pai do Senatspräsident Dr. Schreber não era pessoa insignificante. Era o Dr. Daniel Gottlob Moritz Schreber*”. Ele era um médico conceituado em sua época, cujas atividades buscavam favorecer a criação harmoniosa dos jovens, bem como assegurar certa coordenação entre a educação no lar e na escola. Ele introduziu a cultura física e o trabalho manual a fim de elevar os padrões de saúde, exercendo duradoura influência sobre seus contemporâneos.

Para Freud, um pai como esse de maneira alguma seria inadequado para a transformação em Deus na lembrança afetuosa do filho, de quem tão cedo havia sido separado pela morte. Diz ele:

Estamos perfeitamente familiarizados com a atitude infantil dos meninos para com o pai; ela se compõe da mesma mistura de submissão reverente e insubordinação amotinada que encontramos na relação de Schreber com o seu Deus, e é o protótipo inequívoco dessa relação, fielmente copiada dela. Mas a circunstância de o pai de Schreber ter sido médico, e médico dos mais eminentes, que sem dúvida ficou muito respeitado por seus pacientes, é que explica as características mais notáveis de seu Deus e aquelas sobre as quais se demora, de maneira tão crítica. Poderia um escárnio mais acerbo ser demonstrado por um médico, do que declarar que ele nada compreende sobre os homens vivos e só sabe lidar com cadáveres? (FREUD, 2002, p.63).

Os pequenos gestos interpretativos vão sendo propostos por Freud, na medida que nos aproximam do terreno familiar do complexo paterno. A luta do ‘autor-paciente’ com Dr. Flechsig revelou-se a ele, por exemplo, como um conflito com Deus. Os pormenores

desse conflito paterno, segundo Freud, parecem ser determinantes do conteúdo de seus delírios. Tornando-se assim possível caminhar do conteúdo à forma destes. A idéia, a princípio, de desconhecer significativamente a condição de relação genética dos delírios de Schreber, no entanto fez Freud nos levar a reconhecer, que a vitória magnífica foi alcançada pela forma do impulso sexual infantil. Segundo ele, tornou a voluptuosidade de Schreber temente a Deus, e o próprio Deus (o pai) nunca se cansava de exigí-la dele. A ameaça paterna mais temida, a castração, na realidade forneceu o material para sua fantasia de desejo (a princípio combatida mas depois aceita) de ser transformado em mulher.

No entanto, é peculiar como a atenção de Freud ao discurso permite-nos ver em franca criação nosso autor-‘paciente’ em suas tentativas de enfrentar certas frustrações, ainda que de forma delirante, ou seja, criando uma realidade à exata medida de sua relação com o mundo.

A Psicanálise surge assim, portando dois aspectos distintos, quando:

(...) por um lado acolhe o insólito no homem, dando visualidade e presença àquilo que até então não fazia sentido, de outro lado, neste mesmo gesto, trata de apaziguar o indomável, ao utilizar uma lógica própria à razão, que procura reinserir no admissível aquilo que teima em escapar (KON, 2002, p.151).

A fantasia de ser transformado em mulher foi reforçada diante de uma outra frustração, pois nos diz Schreber: *“após me restabelecer da primeira doença, passei oito anos, com minha esposa - anos, em geral, de grande felicidade, ricos de honrarias exteriores e nublados apenas, de vez em quando, pela contínua frustração da esperança de sermos abençoados com filhos” (FREUD, 2002, p.14).*

Segundo Freud o Dr. Schreber pode ter formado uma fantasia de que, se fosse mulher, trataria o assunto de ter filhos com mais sucesso e pode ter assim retornado à atitude feminina em relação ao pai que apresentara nos primeiros anos de sua infância.

Se assim fosse, então o delírio de que, por causa de sua emasculação, o mundo se povoaria de “ uma nova raça de homens nascidos no espírito de Schreber” – delírio esse cuja realização continuamente adiava para o futuro cada vez mais remoto – teria também a intenção de oferecer-lhe uma saída para sua falta de filhos (FREUD, 2002, p.71) .

O caminho de leitura de Freud que buscou despir o negativo, que tomou o delírio como real, mostra aberturas onde não havia, para aproximarmos não só do estado por vezes cindido na relação de Schreber com a realidade, à restrição vivida pela força das fantasias de assassinato de sua alma e de emasculação, e também de suas possibilidades de existir enquanto tal. Trata-se de um caminho esperançoso no qual o ‘autor-paciente’ gostaria de retornar ao trabalho, à sua casa, bem como ainda, a esperança de realizar sonhos como o de ser pai, dar a sua ‘linhagem nobre’ continuidade e, de certa forma, uma chance de lidar inclusive com a sua condição humana de desamparo original.

Nesse sentido a leitura de Freud revelou a linguagem ‘*estrangeira*’ de Schreber, ou seja, àquela que fugia ao domínio completo do ‘autor-paciente’ e ao nosso mestre no início de sua ‘aventura’. Pela escrita das memórias, Schreber: “(...) *entrega ao não-eu da linguagem a condição para que a ‘voz’ - falada ou escrita - possa soar e ser ouvida por si pelos outros e desta forma, (...) alienar-se de si para um vir-a-si.*”(FIGUEIREDO, 1998, p.606)

O exercício analítico de ler casos, como Freud os lia, faz com que nos vejamos próximos a uma leitura que permeia o real e o fictício, pela investigação das peculiaridades – das formas produzidas - da psique humana.

A interpretação tornava-se gesto de atenção, de leitura do intermédio produtor que a psique fornece ao seu modo, do que seria realidade e ficção.

Buscando refletir sobre a trajetória freudiana da leitura do caso, fez-se necessário conhecer certo lugar originário de seu pensamento. A capacidade de leitura ao que se oferecia estranhamente a uma leitura do negativo (desconhecido) - em contrapartida a uma leitura do positivo (consciente), própria ao seu tempo - permitiu a ele a execução com destreza de sua arte interpretativa.

Assim, à medida que nos aproximamos ao lugar ocupado por Freud, ressoa-nos as particularidades da leitura que ele realizou do caso Schreber. Para as condições de possibilidade de pensar suas leituras, bem como a criação de sua narrativa e de seu pensamento, somos levados por Noemi Moritz Kon a uma pequena viagem imaginária ao ano de 1885, mais especificamente, início de outubro, uma Terça-feira.

Diz ela: “*A cidade é Paris, o centro europeu por excelência, confluência da civilização ocidental.*” (KON, 2002, p.136). Estamos no interior do Hospital Geral da Salpêtrière, palco de transmissão de conhecimento do Prof. Charcot. Na platéia, médicos, estudantes e intelectuais assistem ao espetáculo de um caso de histeria tratado pela hipnose.

A autora, no entanto, nos remete respectivamente a dois personagens da platéia, Guy de Maupassant e Sigmund Freud: ‘Literatura Fantástica’ e Psicanálise.

Um diálogo entre esses dois autores é gerado em meio a duas diferentes narrativas, que segundo a autora, irão se configurar numa nova subjetividade do século XX. Na

‘Literatura Fantástica’ será no encontro ²¹ de um cavaleiro com um ser extraordinário, que em vão estarão as tentativas de naturalizá-lo, mas sua presença, que não seria resultado de, “*nossa ilusão, de nossa embriaguez ou loucura, nos faz vê-lo beber nossa água, quebrar nossos objetos queridos, nos adoecer. Ele seria o Invisível, o Inexplicável e o Inexplicado, aquele que colocaria em xeque a nossa razão*” (KON, 2002, p.137).

Na literatura freudiana parece ocorrer certa condição semelhante, quando o surgimento de um ser – o sujeito do discurso - faz desaparecer nossa imagem costumeira, diante do espelho. Em Estudos sobre a Paranóia, ou melhor, sobre a Histeria, segundo Kon (2002, p.137) Freud faz-nos ver que:

(...) à razão médica e anatômica, impõe-se num curto-circuito às redes neurais, afrontando o corpo da consciência. Sua obra será prova disto, demonstrando a “existência inegável de um outro (...) que desconhecemos e o qual não podemos apreender, mas que existe inegavelmente, e que, a partir de sua presença, nos dirige e nos consome.

No entanto, de acordo com a autora, é preciso que (re)conheçamos lugares de assento dessas formas de subjetivação, como dois vértices conceituais: as noções de descontinuidade histórica, de episteme moderna e de literatura do filósofo francês Michel Foucault, e a formulação e descrição do gênero literário estrutural, de Tzvetan Todorov (crítico e escritor) em sua Literatura Fantástica.

A idéia de episteme definida por Foucault em seu livro ‘As Palavra e as Coisas’

(...) surge como aquilo que subjaz(...), que proporciona as condições de possibilidade para o aparecimento ou desaparecimento de um determinado pensamento, num momento específico da humanidade. (...) O procedimento arqueológico de Foucault procura encontrar (...) o sistema

²¹ O conto ‘O Horla’ de Maupassant, (1886-1887), In: Kon, N.M. ‘Literatura Fantástica’ e Psicanálise, Jornal de Psicanálise, São Paulo, 35(64/65):137, dez/2002.

universal de referência de uma dada época, que impõe uma forma definidora do pensar, do sentir, do agir, da relação entre as palavras e as coisas, enfim, da ordenação do mundo e de nós mesmos (KON, 2002, p.138, grifos meus) .

As condições de Homem, objeto fundante das ciências humanas, vai mostrar uma “*reduplicação original*”, desempenhando duas funções no saber da modernidade: “*ele é tanto objeto como sujeito dos saberes possíveis*” (KON, 2002, p.138).

A linguagem nesta nova episteme, não mais se reencontrará e reconstituirá como discurso de idéias, que não diferem das coisas com as quais se relacionam, mas se referirá apenas ao ato de escrever, ou seja, tornar-se-á Literatura. Como ato desse novo homem da modernidade, a literatura passa a ser pura manifestação de linguagem, que não pretende imitar o mundo, mas afirmar a sua existência, num eterno retorno a si própria, à sua própria condição de criação, como ato de escrita.

(...) A literatura moderna é fruto e é, também, ato de novo Homem, de um homem que deve se haver com um sofrimento do qual não é autor, com uma sexualidade que não escolheu e que não dirige, com as relações de produção que o forçam a agir, com uma linguagem que lhe preexiste, que o nomeia, que sustenta, mas que também constrange seu pensar (KON, 2002, p.39).

Este Homem não pode mais traçar seus limites, pois sua origem lhe é sempre anterior. Ele está, segundo Kon (2002, p.139)., “*(...) mergulhado numa historicidade inédita, e se sabe habitado por sua própria sombra, numa opacidade originária que nenhum exercício de consciência poderá dissipar*”.

A ‘Literatura Fantástica’ de Guy de Maupassant, cria-se justamente, num momento de inauguração da episteme moderna. Trata-se do Gênero literário que surge, vive seu

apogeu e fim no século XIX, sendo substituído – segundo Todorov (1975 apud KON, 2002, p.139) pela Psicanálise, a ‘Literatura Fantástica’

(...) é aquela que narra as experiências de um ser que, só acreditando nas leis naturais, enfrenta situações extraordinárias e sobrenaturais irrecusáveis, para as quais não se consegue construir explicações lógicas. Seus temas apontam para aquilo que escapa ao poder da razão, da consciência: a loucura, o duplo, a fantasmagoria, o onírico, a ilusão, o impensável; dão corpo à experiência irrecusável de uma inconsciência, que método algum pode dominar (KON, 2002, p.139).

É em relação à sombra do homem, a esta “*opacidade originária*”, que não pode mais ser iluminada por um ordenamento natural da representação, mas pode fazer surgir uma nova humanidade, uma nova rede de conhecimento, onde estivera soterrado, pela razão clássica a crença na soberania da consciência. (KON, 2002, p.139).

Os elementos, segundo a autora, que distinguiriam o Fantástico, enquanto ‘gênero literário’, passam pela experiência do leitor implícito no texto: sua leitura o coloca em um estado de hesitação ou suspeição, como nos sugeriu Freud no início do texto de Schreber, entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural para os fatos insólitos narrados. Desta forma, é o leitor que oscila diante do texto, entre uma interpretação racional, científica para os acontecimentos ou uma interpretação decididamente sobrenatural. O primeiro elemento, nomeado de ‘Gênero Estranho’ realizaria uma redução do Fantástico tratando os episódios intrigantes como uma explicação natural. O segundo elemento – o ‘Gênero Maravilhoso’, reduziria o sobrenatural a um evento incomum, aceitando-o porém, sem ambiguidades.

Segundo Kon, os Gêneros Maravilhoso e Estranho darão consistência ao gênero Fantástico, quando o leitor, identificado ao protagonista ou à condição de hesitação-

suspeição que dá o colorido à trama, não conseguir fazer a opção por uma das duas saídas pois o Fantástico residiria justamente na oscilação, ou mesmo na coincidência, entre estas duas proposições formuladas diante da vivência de um acontecimento extraordinário: *“Milagre ou Enigma?”*, questiona ela. Ele se revelaria, assim, numa ausência de solução, que colocaria em risco a nossa maneira habitual de decodificar e operar no mundo. Poderíamos então ver como até ‘absurdas’ as leituras de Freud do discurso de Schreber, que no entanto, exatamente pelas suas condições de possibilidades impõem um *“curto-circuito”* entre o que se supõe ser fantasia e o que se supõe ser realidade, ou seja, entre as *“saídas mágico-imaginárias e racionais que acionamos, separadamente, alternadamente, na tentativa de desfazer a estranheza”* (KON, 2002, p.140).

A ‘Literatura Fantástica’, pela oscilação entre os dois Gêneros, a ela vizinhos mantém a tensão da hesitação-suspeição até o fim.

O Fantástico, que leva seu leitor a um momento de hesitação em um mundo governado pelas leis naturais, à fantasia e à realidade, não permite que estas sejam por um único instante distinguidas. É justamente, deste momento de hesitação-suspeição, *“de irresolução, na sobreposição dos pólos contrastantes, e inconciliáveis que garantem a firmeza da racionalidade que se apóia no dualismo fantasia/realidade”*, lugar que Freud nos faz caminhar durante sua leitura da psique humana, *“(...)que poderá surgir uma outra humanidade”*(KON, 2002, p.141).

A ‘Literatura Fantástica’, segundo Kon, na perspectiva de Todorov é um gênero literário que surge no limiar de uma nova visão epistêmica, a mesma que permitiu o surgimento da Psicanálise. Ela narra a existência de um ser que só tem as leis naturais para se orientar no mundo, mas que não pode mais negar uma presença inevitável do que só

pode denominar Fantástico, “(...) *mesmo ainda sem as chaves conceituais para seu entendimento*” (KON, 2002, p.141).

O século XIX vivia, é verdade”, escreve Todorov (1978 apud KON, 2002, p.141), numa metafísica do real e do imaginário, e a ‘Literatura Fantástica’ nada mais é do que a má consciência deste século XIX positivista. Mas hoje, não se pode mais acreditar numa realidade imutável, externa, nem em uma literatura que não fosse senão a transcrição desta realidade. A literatura que sempre afirmou esta outra visão é sem dúvida um dos móveis da evolução (KON, 2002, p.141).

Segundo Kon, a Psicanálise apoiada na potência e autonomia das palavras sobre as coisas, não só rompe com os limites rígidos entre a realidade e a fantasia, entre o real e o imaginário, como cria uma “*terceira vertente*”: não mais ou a realidade ou a fantasia, mas “*uma nova mescla (ainda que hifenizada), a realidade-psíquica. Um novo homem é criado para dar conta desta interioridade inédita, do inconsciente: não mais o homem-fantástico, mas sim o homem-psicanalítico*”(KON, 2002, p.141).

A psicanálise, por meio de seu conceito de realidade-psíquica, parece introduzir um novo mecanismo, uma nova ligação entre os dois pontos fantasia-realidade, “*reafirmados paradoxalmente no curto-circuito proporcionado pelo Fantástico*”(KON, 2002, p.141).

A perplexidade e a oscilação que são geradas pela presença do Fantástico, o são em semelhante medida, geradas no confronto com a histeria e o seu mistério. “*(...)Fantástico e Histeria, tornam-se motores destas novas formas narrativas*”(KON, 2002, p.142).

A ‘Literatura Fantástica’ e a Psicanálise fazem por meio da palavra com que o evento fantástico e o sintoma histérico transformem-se em objetos de linguagem, e pela palavra oral ou escrita Freud cria a possibilidade da leitura dos sintomas nos casos clínicos e nas interpretações no caso Schreber.

A investigação minuciosa do médico-analista do discurso de Schreber na condição de transferência pode ser entendida, pela teoria freudiana. Ela permitiu ao homem um certo salto sobre o que antes ele se subjugava fora de sua condição humana.

Se de acordo com Kon a psicanálise freudiana retira a histeria do espaço de exclusão em que havia sido colocada como moléstia imaginária, como obra do Maligno, como potência falsificadora e lhe dá o direito de figurar como objeto da ciência, permite ao mesmo tempo em que as produções psíquicas em geral não sejam reduzidas a um teor de esquecimento, ao considerá-las como acontecimento real.

O imaginário torna-se desta forma, o real continuado e transferido, que se apresenta na clínica, nas artes, na literatura.

A literatura que envolvia Freud em seus passos inaugurais buscava, com ele mesmo, criar uma “nova teoria da alma” – como diria Machado de Assis de acordo com Kon (2002) em seu conto “O espelho, esboço de uma nova teoria da alma humana” - para a existência de algo que não cabia nos desígnios conquistadores da razão positiva.

O caráter de suspeição próprio a uma condição sonhante-flutuante, Freud nos ofereceu como condição analítica em seu artigo sobre o presidente Schreber. Por outro lado também a presentificou ao final do mesmo, ainda que ironicamente ao escrever: *“Compete ao futuro decidir se existe mais delírio em minha teoria do que eu gostaria de admitir, ou se há mais verdade no delírio de Schreber do que outras pessoas estão, por enquanto, preparadas para acreditar”*(FREUD, 2002, p.96)

Parafraseando Freud, Noemi Moritz Kon (2002, p.151) nos incita: *“(...) se é fato o que se diz, que o delírio é a teoria de um e que a teoria é o delírio compartilhado por muitos, a Psicanálise, sem dúvida, deixou de ser apenas o sonho interpretado de um homem para se tornar realidade de muitos de nós”*.

4. DA ESTRATÉGIA DE INVESTIGAÇÃO

4.1. Aprendendo a ler os relatórios de estágio.

(...) um livro começa a existir não quando um autor termina sua redação ou quando o editor o encaderna, mas quando o leitor fecha a sua última página.”(SARTRE 1947 apud BIRMAN, 1996, p.54)

Buscando refletir por meio de minha leitura, como o ‘livro’-relatório produzido adquiriria condições de possibilidade de ‘existir’, selecionei entre diversos itens, aqueles que diziam respeito diretamente ao fazer clínico do estagiário: caso clínico e artigo. A partir dos mesmos a leitura seria feita sobre os sub-itens em que o estagiário narra histórias, percepções e experiências com o paciente, tais como: motivo da consulta, história pessoal e familiar do paciente com ênfase na história da doença atual, relato completo de uma sessão, formulação psicodinâmica e formulação teórica e artigo²².

No reencontro com o relatório vi-me em estado de estranheza. Tão familiares pela leitura da produção, que se servia como processo de conclusão de algumas idéias sobre a experiência vivida do estagiário, eram eles também estranhos a mim, enquanto possibilidade de reflexão sobre o discurso ali produzido. Acontece que mesmo lendo o discurso, o lugar em que me colocava era destinado a cumprir algumas regras instituídas. Foi necessário deslocar-me deste lugar, assumir uma postura psicanalítica diante do texto-discurso-voz.

De posse dos itens, anteriormente citados, procurei seguir o texto, a princípio, na exata medida de produção. Aos poucos, por meio da minha leitura, fui selecionando alguns

²² O texto na íntegra destes itens segue em anexo, ao final do presente trabalho.

fragmentos da narrativa e intercalando-os aos meus comentários. Produzia-se assim no texto, um inter-texto.

A postura de leitura que procurou seguir a ordenação dos elementos do texto-discurso a fim de que eles iluminassem o caminho de escrita do relatório e promovessem assim a (des) coberta de possibilidades de sentidos da narrativa clínica, desdobrou-se no que foi nomeado de leitura estrutural e leitura hermenêutica do texto-discurso, em que a aplicação do método psicanalítico estaria por meio delas, como se verá a seguir, buscando fazer brotar as condições de possibilidade da narrativa que foi tomada para reflexão.

4.2. UM MÉTODO DE LEITURA PSICANALÍTICO.

4.2.1 Da leitura estrutural.

Você vai começar a ler o novo romance de Ítalo Calvino, Se um viajante numa noite de inverno. Relaxe. Concentre-se. Afaste todos os outros pensamentos. Deixe que o mundo a sua volta se dissolva no indefinido. É melhor fechar a porta; do outro lado há sempre um televisor ligado. Diga logo aos outros: 'Não, não quero ver televisão!' 'Estou lendo! (...)Escolha a posição mais cômoda; sentado, estendido, encolhido, deitado. Deitado de costas, de lado, de bruços. Numa poltrona, num sofá, numa cadeira de balanço, numa espreguiçadeira, num pufe. Numa rede, se tiver uma. Na cama, naturalmente, ou até debaixo das cobertas. Pode também ficar de cabeça para baixo, em posição de ioga. Com o livro virado, é claro. Pois bem, o que está esperando? Revire o livro entre as mãos, percorra o texto da contracapa, das orelhas, são frases genéricas que não dizem muito. Melhor isso que um discurso que pretenda sobrepor-se de forma indiscreta àquele que o livro deve comunicar diretamente, àquilo que, pouco ou muito, você mesmo extrairá dele. É certo que esse passeio ao redor do livro – ler o que está fora antes de ler o que está dentro – também faz parte do prazer da novidade, mas, como todo prazer preliminar, este também deve durar um tempo conveniente e

pretender apenas conduzir ao prazer mais consistente, à consumação do ato, isto é, à leitura do livro propriamente dito (CALVINO, 2003, p.11-12;16-17).

Foi com esta sugestão por meio da escrita do primeiro capítulo de seu livro: ‘Se um viajante numa noite de inverno’ - quando Ítalo Calvino (re)clama a passiva-recepção do leitor para o texto, que tal gesto proposto adquiriu similitude com o sentido que tem escrever neste momento, sobre a leitura estrutural de uma narrativa. De acordo com Calvino, considerar o texto propriamente escrito – que visa certa postura passivamente-receptiva na leitura – torna-se condição condutora para outra(s) leitura(s) mais consistente(s).

Com certeza a temática de Calvino não se destinava à estrutura do texto, na leitura do livro, como adiante veremos um pouco sobre o assunto.

O contato com seu livro remeteu-me à condição de possibilidade de leitura a princípio, do texto em si. A estratégia de impregnar o leitor com a sua presença, logo na primeira frase levada as últimas conseqüências, para em seguida desaparecer, a fim de que ele pela leitura, surgisse como protagonista do próprio romance, deixou à mostra que a leitura do texto poderia valer pelo que promovesse, favorecesse e iluminasse.

O pronunciamento de uma postura necessária à leitura - a de passividade-receptiva para o texto, elevou a importância da ação de parar para tomar o texto em si. Em um tempo atual, o que se vive a grande escassez deste, parar é quase perder o ‘bonde’, tornando-se assim, nossa leitura, condição de conhecer como melhor utilizá-lo.

Desta forma tanto Calvino, que propõe, quanto a autora, que busca partir de um contexto existente, esperam que o que se produzir pela leitura fale a que veio os sentidos que se produzirem por meio desta.

De acordo com Shopenhauer (apud PEDROSA 1979 apud FRAYZE-PEREIRA, 2004, p.35) “*diante da obra de arte (e do texto) é preciso comportar-se como diante de um príncipe; não falar primeiro, mas esperar que ela (ele) nos interpele. Do contrário, não ouviríamos senão a nós mesmos.*”

A sugestão de não nos adiantarmos à busca frenética por sentidos, nos ajudaria a refletir sobre porque e como uma leitura estrutural, que sempre se realiza mesmo que não pensemos nisto, desprende o texto de sua referência real a princípio, apontando caminhos a serem (des)cobertos.

Como vimos anteriormente ante o discurso de Schreber, Freud invocou sua técnica psicanalítica habitual – despir a frase de sua forma negativa e tomar o exemplo como sendo real, quando procurava partir do que havia sido produzido a fim de que dessa produção surgisse as condições que lhe tornassem possível conhecer a lógica desencadeadora, por assim dizer, ainda desconhecida para o ‘autor-paciente’ e leitor-analista.

Esta característica de leitura da estrutura do texto-discurso, que o vê a princípio, como uma realidade em si, passivamente recebe a produção psíquica em estado manifestamente proposto.

Freud nos permite perceber que a narrativa, tanto em Schreber, quanto no discurso de Dora, de Nataniel, e assim por diante, produzia tanto uma “*trama acontecimental*”, quanto “*criava formas, estruturas sintagmáticas ordenadoras do texto-discurso-voz.*” (RUDELIC-FERNANDEZ, 2002, p.67)

Tomar um texto em si, como coisa real é ato que diz respeito ao leitor-analista, ao criar a condição a princípio de distanciamento do mundo, de separação entre o discurso e as condições de sua origem, deixando que a forma expressa das palavras impregne a vista.

São frases em itálico, uso de aspas, escolha de estilos de escrita, mas principalmente, são palavras ordenadas em condição de possibilidade de produção de novos sentidos.

De acordo com a sugestão de Calvino (2003), receptivamente haveremos de nos impregnar pelas palavras em condição de narrativa do romance. Esse mergulho no mundo morfológico, sintático e semântico, que deixa a princípio de fora certo contexto do ser produtor desta ordenação do texto, nada mais nos parece que uma estratégia que, levada às últimas conseqüências, sumindo com o mundo, promove pelo mergulho nos signos uma espécie de possibilidade de transbordamento e iluminação em nós da palavra produzida na narrativa.

De acordo com Ricoeur (1999 apud MINERBO e MANDELBAUM, 2002, p.169) a leitura estrutural deixa surgir a *“ordenação dos elementos de um texto, uma integração dos segmentos da ação e dos atores em um relato considerado um todo fechado em si mesmo”* em produção. Esta leitura se propõe, segundo o autor, que toma em consideração o estudo de Levi-Strauss (1975) sobre o mito a *“recusar uma semântica de superfície, a do relato do mito, para colocar em evidência uma semântica profunda, a semântica viva do mito”*(Grifos meus). Frases, palavras, entonações lingüísticas, ordenação dos elementos do texto-discurso, que a princípio poderiam restringir as possibilidades da linguagem ao estudo da unidade pela unidade como na lingüística, de outra forma abrem-se a uma leitura com função de iluminar o caminho produzido pela psique por meio da escrita.

Quando nos dispomos a ler um texto, seus elementos estão manifesta e estruturalmente expressos. Por meio deles o leitor aproxima-se de uma espécie de autonomia do autor e de um certo distanciamento entre este e o leitor. Ambos estão sem o mundo, ao qual pertencem. São apenas um eu-leitor de um lado e de outro, um eu- escritor, em condição de texto-discurso. As palavras expressas são, a princípio, pura representação,

que vão se oferecendo numa estrutura formal. Esta, no entanto, contém “*uma lógica discursiva, um encadeamento, uma ordem que arranja os elementos esparsos de um tratamento para fazer dele um caso*” (RUDELIC-FERNANDEZ, 2002, p.67).

Desta forma o texto do caso acaba por “*duplicar-se*” com uma outra história, para além da que foi ouvida e que por isto se torna texto vivo, pois “*torna possível para as representações inconscientes e os afetos serem figurados por meio da linguagem, serem representados sem serem nomeados diretamente*” (RUDELIC-FERNANDEZ, 2002, p.67).

Será preciso um leitor para interpretar e assim veremos (item 4.2.2) que a formação discursiva é sempre produtora de novo discurso e se abre à novas possibilidades de interpretação.

Ainda segundo, Rudelic-Fernandez, não é possível atualizar o inconsciente do caso senão pela própria história narrada dele

(...) ao ‘pé-da-letra’: uma leitura semilógica do caso que visa deslocar a atenção da compreensão geral dos fenômenos clínicos para uma leitura minuciosa do texto analítico, ‘palavra por palavra’, com uma atenção particular voltada para as modalidades narrativas e a materialidade mesma da sua narração (RUDELIC-FERNANDEZ, 2002, p.68).

A leitura que procura tratar o texto de um caso como “*palavra plena*” considera sua condição de formação ” (RUDELIC-FERNANDEZ, 2002, p.67)..

À psicanálise uma história de caso importa precisamente enquanto ‘texto narrativo’, a saber, um texto ou um material heterogêneo, tal qual emana da situação de análise (palavras, interpretações, impressões visuais, percepções, afetos, representações de coisas, representações de palavras, etc.), encontra-se ‘traduzido’ e ‘figurado’ de modo não arbitrário numa história que responde às funções precisas, tanto para aquele que o

enuncia quanto para aquele cujo lugar se encontra assim enunciado (RUDELIC-FERNANDEZ, 2002, p.67).

A leitura dessa enunciação tem seu valor na *“maneira pela qual seus elementos se encontram combinados, e manifestam propriedades específicas”* (LEVI-STRAUSS, 1975, p.242).

A narrativa de um mito, por exemplo, que visa reconstituir uma experiência real, traz pelo *“histórico dos acontecimentos (...) certos aspectos que poderiam parecer secundários (...) que no entanto, são tratados com grande luxo de detalhes, como se fossem, dir-se-ia, filmados ‘em câmara lenta’”* (LEVI-STRAUSS, 1975, p.223). A linguagem que se cria na narrativa do que foi vivido, reintegra num conjunto todos os elementos que nele se apoiam mutuamente. A leitura estrutural em condição de passiva-receptividade do que foi produzido, tem o poder de recebe-lo enquanto discurso transferido, ao ponto, como veremos no próximo item, de fazer o leitor falar. Ao lhe emprestar, pelo mergulho na narrativa, a organização viva dos sentimentos e intenções supostos pelo autor, *“ela o desconcentra, (...) o desarruma nos seus sistemas de referência (...) as páginas plenas de sinais gráficos passam a ser escritas com palavras ressonantes (...)”* (BIRMAN, 1996, p.55).

Por hora, vale ressaltar que esta leitura que recebe o texto-discurso acompanha a mobilidade psíquica da narrativa como produção real, com sua ‘verdade’, não se preocupando em *“distinguir fantasia de realidade”* (HERRMANN, 1991, p.23).

A narrativa, o texto-discurso são do autor que pertence ao mundo tanto quanto o leitor. No entanto, o autor que produz em texto a verdadeira realidade que crê, deixa à mostra sua própria condição criativa. A condição de passiva-receptividade própria à leitura estrutural possibilitará condições de transferência ao leitor do que se ordena, do que

segundo Minerbo e Mandelbaum (2002, p 171) “*gravita ao redor, em torno do texto clínico*” .

4.2.2. Da leitura hermenêutica

A postura na leitura estrutural que abriu ao leitor a possibilidade de receber o relato, a ordenação das idéias, acontecimentos, expressões afetivas atenta para o momento de retornar agora ao seu contexto, ao lugar do qual se originou, no caso do relatório, a clínica.

Leitor e autor agora são supervisora e estagiário. A supervisora em condição de transferência tem algo a dizer, como o teve o estagiário ao se propor à condição de narrador. Pela linguagem, estes protagonistas da peça-pesquisa, potencialmente adquirem possibilidades de impacto sobre a realidade clínica quando pretendem o dizer do ato reflexivo, teorizante, do que se serviu transferindo em análise e texto. É como se o que gravitasse ao redor do texto, o que estava em suspenso, agora fosse tomado em consideração. A (re)descrição da experiência, a (re)narração da ação que edificou a escrita possível por parte do autor-terapeuta, é considerada pela condição circunstanciada, pontual, descontínua, que desenha o próprio espaço investido, na experiência com a clínica.

A fim de aproximar desse desenho-sentido, revelador de um investimento, a leitora exerceria certa receptividade-ativa.

Esta condição que considera a edificação do autor faz operar a leitura em relação àquela que o autor realizou ao produzir a narrativa. Não uma leitura em busca de início, meio e fim, mas de acordo com Rudelic-Fernandez (2002, p.63) “*da história que começa pelo centro*”, pela possibilidade da narrativa-discurso.

Por meio do trajeto da linguagem que marca o lugar de expressão dos pensamentos, idéias, sentimentos do autor e marca também sua condição de relação com o personagem-

paciente dessa história, está impressa certa mobilidade psíquica que se oferece ao leitor nas duas vozes enunciativas, no deslizar delas pela narrativa.

Da postura passivamente-receptiva, que caracteriza a leitura estrutural do relatório clínico pretendendo deixar surgir um significado no leitor impregnado pelo enredo vivido pelo autor, haveria de se dar um “*salto do material bruto da experiência clínica, do texto manifesto, em direção a um primeiro nível de abstração, suficientemente próximo ao material, mas contendo, já, todos os elementos de uma prototeoria.*” Seria uma espécie de “*recuperação do que está em jogo no texto irrompendo como sentido*”, uma reativação do dizer desconhecido do texto. (RICOEUR 1999 apud MARION e MANDELBAUM, 2002, p.170)

De acordo com Herrmann (2004, p.68), “*sejam amplas ou restritas as investigações psicanalíticas, parece-me que têm em comum o método por ruptura de campo, essencial à Psicanálise.*” Tal método tem por condição o exercício das posturas passividade-receptiva e receptividade-ativa, a fim de iluminar a estrutura, o sentido e sua lógica de produção, própria ao objeto investigado.

Como vimos em Freud, às produções psíquicas não se restringem ao discurso na clínica-padrão, elas se movem pelo discurso humano em diferentes cenários da vida cotidiana, inclusive pela escrita de um texto-relatório. É que diante dele uma escuta-leitura, por meio das posturas acima mencionadas, se dará a partir da ordenação dos elementos do texto, até que nele um sentido produzido salte à vista do leitor, o surpreenda, lhe cause estranheza.

É que o leitor que lê tudo com atenção, afinal tudo lhe interessa, presta também atenção às peculiaridades, aos “*elementos secundários*”, e marginais do discurso. O investigador de posse do método psicanalítico “*toma em consideração esses elementos*

porque indicam áreas potencialmente 'conflituosas' do ponto de vista emocional. Este ato em si já é interpretativo" (MINERBO, 2003, p.272)

Porém a leitura-escuta dispensada aos elementos secundários não é ingênua. O leitor que a exerce pertence a um lugar, dispõe de conhecimentos, como Freud dispunha de sua metapsicologia, que colorem a leitura que está sendo feita. A leitura do discurso, a interpretação que possibilita o emergir de novos sentidos, de novos campos, é condição, segundo Minerbo (2003, p.272) "*invariante do método psicanalítico*", enquanto que a condição de leitura-escuta, que dependerá da personalidade da leitora-supervisora em sua relação com o estilo do autor-estagiário, diz respeito a variações técnicas.

É importante ressaltar que o campo – para a Teoria dos Campos, é um conjunto de regras inconscientes que determinam uma relação e estará presente a partir do momento em que o leitor tomar o texto-discurso em suas mãos e começar a lê-lo. Não se trata de qualquer leitor, mas de um determinado: a supervisora de estágio. Não se trata de qualquer texto-discurso, mas do que está impresso no relatório de um estagiário. O campo da escrita da clínica então existe, como diria Sartre (1947 apud BIRMAN 1996), a medida em que o leitor o toma em consideração. Lendo como todo psicanalista, ele aposta na existência de um outro campo, de possíveis regras de produção do discurso impresso, que falam, que necessitam da escuta-leitura para surgirem. Nesse sentido, de acordo com Minerbo (2003), a possibilidade de surgirem novos sentidos acometem também ao leitor que, ao ler o que pensava saber antes, des-cobre-se pela leitura, conhecendo novas possibilidades de sentidos.

5. A LEITURA DA LEITURA.

5.1 A leitura do relatório de estágio.

O estudo que se iniciou com uma breve reflexão sobre a produção da escrita psicanalítica gerou a condição de pensar em uma de minhas funções como supervisora: a de leitora de relatórios de estágio da clínica.

No (re)encontro com o relatório parcial de Sônia²³ (estagiária), procurei seguir a narrativa dela a partir de sua escrita. Ela procurou nos apresentar o caso clínico, de uma paciente que estava sendo atendida havia dois meses no setor de psicologia.

Como o estudo versa sobre a aprendizagem da leitura do texto clínico, decidi a princípio segui-lo à sua exata medida de escrita produzida. Fui realizando a minha leitura e percebi que o próprio texto produzido indicava a necessidade de que se considerasse a leitura que Sônia havia feito sobre o que foi sendo apreendido na relação com a paciente.

A fim de apresentar ao leitor essa primeira leitura, selecionei alguns fragmentos e palavras que foram chamando minha atenção.

O leitor verá surgir minhas considerações entremeadas ao texto²⁴ de Sônia, a partir de uma atenção (leitura) flutuante.²⁵

²³ De acordo com as normas do Comitê de Ética da UFU, os participantes (estagiária e paciente) da pesquisa deram por escrito seu consentimento para o uso dos dados por eles produzidos. Eles estão em anexo, assim como, os itens: caso clínico e artigo produzidos para o relatório de estágio, que serviram como dados para esta pesquisa.

²⁴ Os escritos de Sônia estarão em itálico e negrito.

²⁵ A atenção flutuante é uma expressão de Freud para a forma particular de atenção do analista ao discurso. Ela se caracteriza pelo acompanhamento dos detalhes afetivos contidos nele, que aos poucos saltam à vista do analista.

5.1.1. A narrativa da dor psíquica e das primeiras relações.

De acordo com Sônia, a paciente que será chamada Carla, procurou atendimento devido a um alto grau de ansiedade e em função de sua compulsão por comida. Estes sintomas tiveram por conseqüência um aumento significativo de peso (12Kg) e o rebaixamento de sua auto-estima.

Sônia inicia o relato sobre a vida pessoal e familiar de Carla nos dizendo que:

“Durante a infância Carla tinha uma dependência excessiva da mãe.”(p.24)

Ela segue o texto colocando que Carla, mantém um bom relacionamento com o pai, e que:

Sempre foi mimada por todos da família. Foi a primeira neta e era paparicada pelos avós, tios e tias. Carla diz que sempre teve tudo o que queria. As irmãs(duas) mais novas tinham muito ciúme de Carla por ela ser o “xodó da casa” e que por isto elas brigavam muito quando crianças. Na escola a paciente sempre foi adiantada. Por este fato, de ser a mais nova da classe, a mãe constantemente a acompanhava na escola (p.24).

As palavras em itálico e negrito indicam o caminho de escrita da leitura-escuta de Sônia, que deixa ver à leitora uma forma de dependência *excessiva* por parte da paciente em relação à mãe. A narrativa que parte desta condição de relação, segue assim: boa relação com o pai, mimada pela família, irmãs enciumadas. O segundo parágrafo que distancia a cena do campo familiar como um todo, leva a leitora a perceber, pela cena da escola, um primeiro desdobramento da condição de relação mãe-filha. A filha sempre foi adiantada, colocada cedo na escola e a mãe, por isto, havia de acompanhá-la constantemente.

A leitora que desconhece neste momento a natureza da condição de dependência excessiva da paciente, começa a obter por meio da narrativa alguns novos elementos em

condição de ordenação: a iniciação precoce produz uma condição de amparo, de acompanhamento, qual seja – a de ser constante.

À leitora surge a idéia de que às mães cabe o papel de acompanhar seus filhos enquanto crianças pequenas. Porém, no caso de Carla havia ocorrido uma iniciação singular - adiantada, que justificava certa forma de acompanhamento.

Um primeiro esboço da vida de relação de Carla parece começar a surgir.

Mas vale a “pena” (a caneta, o lápis...) esperar prosseguir com a leitura e aguardar o desenrolar do enredo.

Na adolescência a família perdeu todos os bens materiais que tinham. Passaram por muitas dificuldades financeiras. Os pais tiveram uma crise conjugal e a envolviam tanto nos problemas financeiros quanto conjugais. Tanto o pai quanto a mãe queriam que Carla lhes desse conselho, soluções para os problemas enfrentados. Foi neste período, por volta dos 14 anos, que Carla começou a compulsão por comida e passou a engordar (p.24). A respeito de relacionamento afetivo e da sexualidade, ela(Carla)sempre conversou com a mãe e algumas vezes com o pai. Iniciou sua vida sexual aos 15 anos com o apoio da mãe. A mãe de Carla sempre se intrometia nos relacionamentos amorosos dela (p.25).

A narrativa-escuta de Sônia que historiciza os acontecimentos da vida de relação de Carla – na adolescência..., também reaviva a queixa da paciente, que havia surgido no relato de forma descritiva, em que a compulsão por comida aos quatorze anos agora surge envolvida a elementos da ordem da dificuldade financeira da família bem como da crise do casal parental. Aparece também que aos quinze anos a paciente experimentava o apoio materno a iniciação sexual, e sofria com a condição de (intro)missão desta.

À leitora aos poucos se instala e se mantém o clima afetivo de ambivalência (acompanhar, apoiar/ intrometer) produzido pela relação mãe-filha, na narrativa de Sônia. Esse clima se revela num contexto de iniciação que se repete. Adiantada estava Carla, posta

pela mãe cedo diante da vida escolar na infância e tendo apoio para a vida sexual aos quinze anos.

Em outro fragmento do relato de Sônia, diz ela que Carla:

(...) tem uma boa vida social. Tem muitos amigos e diz contar “tudo” o que acontece para os amigos. Coloco aspas no tudo por pensar que ela relata apenas os acontecimentos corriqueiros de sua vida, assim como fazia comigo durante a maior parte do trabalho psicoterapêutico realizado até agora (p.25).

A leitora, pela narrativa da estagiária-autora, é remetida imediatamente à forma de relação da paciente com os amigos e com a terapeuta. O contar “tudo” da paciente e o colocar aspas no tudo da estagiária, provoca uma ruptura na narrativa, pelo sentido que surge de surpresa, da condição de relação entre paciente e psicoterapeuta. Precipitam-se algumas questões: O que mais a paciente deveria relatar? O que seria o tudo sem aspas da autora do texto-relatório? A paciente de Sônia já não era só sua, tornou-se ‘nossa’. É o efeito da leitura da narrativa. Ao nos ‘impregnarmos’ sem que percebamos ocupamos o lugar do autor, quando só acreditávamos ocupar o lugar de leitor.

Seguindo um pouco mais adiante no texto:

Atualmente Carla mora em república e os pais residem numa cidade do interior de Minas Gerais com as duas irmãs mais novas. (...) Há uma forte dependência e indiferenciação com a mãe. Carla sente-se sufocada pelo fato da mãe querer saber tudo o que se passa em sua vida. Ao mesmo tempo, quando não conta o que aconteceu para sua mãe sente-se culpada. Gosta de conversar com o pai, o acha mais sensato que a mãe. Também se sente culpada por gostar mais dele do que dela. O relacionamento de Carla com as irmãs, hoje é melhor. Carla acredita que o fato de estar longe de casa ajudou nesta melhora. Ela influencia as irmãs a serem independentes da mãe, e faz isto a fim de que não sofram como ela. Segundo Carla, as irmãs são mais independentes que ela (p.25).

A estagiária-autora, que procura apontar os lugares ocupados, pelos personagens no enredo da narrativa, nos faz saber do universo de sentidos da vida de relação da paciente: indiferenciação/forma de comunicação sufocante/ culpa/ sensatez/ gostar mais de/ do que de/ ficar longe/ melhorar/ influenciar/ independer/ não sofrer/ ser mais independente.

Esse universo de sentidos que narrou Sônia no clima de necessidade de que tudo seja relatado, no entanto deixa à mostra uma outra possibilidade: a do relato, porém do não tudo. Esta condição de medida/des-medida que altera o ‘peso’ das experiências vividas revela que pode haver medida onde só há des-medida, relato de não tudo onde só há relato de tudo. Isto parece abrir espaço à certa condição ‘originária’ de ambivalência – pela forma de dependência, de Carla.

5.1.2. Do encontro clínico

Neste momento do texto-relatório Sônia, nos introduz o relato de uma sessão de atendimento dessa paciente, nos dando a oportunidade de saber que:

“Com o decorrer dos atendimentos a queixa foi se perdendo e a paciente passou a falar de coisas superficiais, não tocava em emoções. Relatava fatos cotidianos, todos muito rapidamente e não dava abertura para aprofundar em suas questões básicas”(p.29)

À leitora chama a atenção o tom queixoso de Sônia que fornece certa condição de diálogo, que se dá e talvez se dará na superfície. O termo superficial que dá qualidade ao falar da paciente é palavra que por um lado pode indicar o sentido de superfície, o que está por cima de, por outro lado também pode significar, de forma pejorativa, que se trata de algo banal, de pouca importância. Em busca do sentido que haveria de se produzir pela prosa da sessão, nos pareceu como melhor estratégia seguir a escrita do texto.

Inicia Sônia o relato da sessão de atendimento com Carla lhe dizendo que: *“Deixa eu ver o que aconteceu essa semana de importante... acho que não aconteceu nada... ah! Minha mãe fica me ligando direto querendo saber tudo da minha vida”*(p.29).

Sônia pergunta: *“Saber o que?(Neste momento lembrei da supervisão em que foi falado que se eu perguntasse sobre os fatos relatados estaria entrando no jogo de Carla, e decidi deixar ela falar até esgotar os acontecimentos)”*(p.29).

Carla responde:

Ah! Sobre o Lu(fictício- é seu paquera atual). Se ele ligou, se apareceu, mas eu não estou contando tudo, só algumas coisas. Deixa eu ver o que mais? Ah! O Lu reapareceu, a gente saiu, foi legal, mas tem uma coisa nele que eu não gosto, é que ele bebe muito. Ele passou o sábado lá em casa e no dia que a gente saiu, ele ficou pelejando para eu ir dormir com ele, mas eu não quis. Acho que ainda não estou preparada. Eu já tô tomando anticoncepcional, minha mãe comprou pra mim, mas não tô com aquela vontade ainda. Deixa eu ver o que mais que aconteceu? Eu fiz uma prova hoje, mas foi muito fácil, bobinha. Amanhã é que tem uma difícil. É... acho que não aconteceu mais nada (p.29).

A (re)descrição (relato) que procura revelar o tom da conversa na sessão, também é (re)narração do discurso da paciente.

À leitora, a procura da paciente por algo importante a relatar para a terapeuta, traz o clima ambíguo (importante de ser relatado e nada acontece), que Sônia já havia anunciado – sem o saber, anteriormente ao relato da sessão: algo de superficial, tanto quanto da superfície do caso estava surgindo.

No entanto, a mãe que liga sempre querendo saber tudo, aparece (acontece) e pode ser importante falar sobre isso.

Sônia que segue Carla tem pelo dito desta sobre a mãe o início do diálogo e da relação na sessão. Carla tem a dizer a Sônia que já não precisa dizer tudo à mãe, só algumas coisas. Quais seriam?

O “Deixa eu ver o que mais” parece querer (re)tornar a ambiguidade (acontece/não acontece – dizer tudo/ não dizer tudo), e presentifica a condição transferencial com a terapeuta que recebe a pergunta: “Deixa eu ver, o que mais?”. Em seguida o Ah!, indica o tom de surpresa: “O Lu reapareceu...” Assim, o paquera que parecia Ter que surgir pela solicitação (ma)terna, reaparece como história vivida por Carla, proposta a Sônia. Segundo Carla, sair com o Lu é legal, mas ele bebe muito e ela não gosta. Passa o dia com ela e luta pela transa, que apesar do anticoncepcional comprado pela mãe, não sente vontade.

Que vontade seria essa? Ainda sem sabermos direito, talvez ainda não estando “à vontade”, com toda intimidade com a paciente, esta fecha o parágrafo, retornando a idéia de relato, de “dizer tudo”.

Sônia coloca para Carla que:

(...) eu tenho percebido que há algumas semanas você vem fazendo da sessão um diário, um relato da sua semana. Você diz “deixa eu ver o que aconteceu...”, e o que realmente aconteceu? Eu não consigo entender o que traz você aqui, o real porquê de você vir aqui, o que te angustia, por que você procura ajuda? (p.30)

Sônia (re)clama e Carla responde: *“(...)é a minha ansiedade e acho também que eu tenho necessidade de contar para os outros as coisas que acontecem comigo.”(p.30)*

A forma de dependência já está instalada na relação entre paciente e terapeuta.

Sônia (re)considera seu dito, e insiste, (re)editando com Carla:

(...) mas você percebe que você vem aqui toda semana, gasta aproximadamente duas horas do seu dia e acaba dizendo apenas o que você fez na sua semana. Percebe que isto você pode fazer com qualquer amiga sem precisar marcar horário. Por que então você

vem aqui? A paciente se desloca na cadeira, começa a mexer na mão e fica pensativa (p.30).

Carla lhe diz, então: “(...)é... *eu nunca tinha pensado nisso... é, eu realmente faço isso... eu acho que eu venho por causa da minha ansiedade, e por causa dessa ansiedade, eu como muito, e aí eu engordo, me acho feia, e tenho a minha aut-estima muito baixa.*”(p.30)

A intervenção, que atende às especificidades da personalidade da terapeuta, a faz deslocar a paciente da necessidade de “contar para os outros as coisas que acontecem” para a consideração de que esse “dizer tudo” pode se dirigir à pessoas diferentes, em lugares diferentes. Para Carla, a intervenção de Sônia surge como novidade: “eu nunca tinha pensado nisso...”, de algo no entanto que pode ser agora pensado, do feito que se desconhecia. Mas não é só o dizer tudo. É também assim, no ato de comer. Carla apresenta-se pela narrativa de Sônia ansiosa frente ao desconhecido, à desmedida de si mesma pelo encontro com Sônia. Esta por sua vez sente-se como um diário. Sônia relata em seu artigo(produzido também para o relatório) que na forma diário, ela se sentia “*uma mera folha de papel, que não podia dar resposta alguma ao que lhe era escrito(...). Eu me sentia como um diário, em todos os sentidos, uma vez que só Carla tinha acesso a mim, e eu não conseguia acessá-la*”(p.40).

À leitora surge a figura do diário impotente, mera folha de papel, sem interlocução, receptividade pura (inclusive com o apoio de uma supervisora), superficial no sentido pejorativo. Mas, não haveria mesmo nenhuma possibilidade de resposta? Os diários realmente não falam? Diários são invenções humanas, objetos criados para projeção de idéias, emoções... Não são de certa forma os psicoterapeutas, personagens de uma invenção

clínica, que criados, estão à receber idéias e emoções, que estão na superfície do que está sendo vivido? Poderia Sônia contar com a condição de diário, para um diálogo com Carla?

Parece que o Diário-Sônia – talvez não tão passivo, acesse sim e assim, na sessão: **“O que é essa ansiedade?”(p.30)**

Carla responde: **“aí, não sei... não sei te dizer... nunca pensei nisso... eu não gosto do jeito que eu estou. Todo mundo fala que eu sou inteligente, bonita, mas eu não acho isso.”(p.30)**

Sônia questiona: **“O que você acha de você?”(p.30)**

Carla responde: **“Fisicamente?”(p.30)**

Da postura interrogante-interpretante²⁶ vemos surgir o corpo, o lugar que tem falado por Carla. A queixa (re)surge, a ansiedade, que a faz comer sem medida, faz surgir o desgosto pela própria forma de ser.

Sônia, no entanto, propõe: **“O que vier a sua cabeça.” (p.30)**

Já não é sobre um tudo qualquer, mas sobre o que Carla pensa. A estudante de psicologia reconsidera o conhecimento da psique pela psicanálise, quer saber o que produz o sujeito do inconsciente.

Carla então declara: **“Gorda, com cabelo bonito e agora com os dentes também (ela tirou o aparelho). Que gosta de conversar com todo mundo, inteligente, mas não como as pessoas acham... dependente, com a auto-estima muito baixa.”(p.30)**

A ambivalência surge gritante.

²⁶ No texto de Romera(2002), a autora enfatiza que a Psicanálise como ciência, ocupa-se do humano, do subjetivo, dos processos e construções das múltiplas possibilidades de subjetivação. A condição que acessa essa forma de produção é tratada como uma postura que cria a possibilidade de suspender, de duvidar onde só há certezas e busca abrir pelo campo da pergunta que interpreta, a possibilidade de pensar se não haveriam outros sentidos ao que se apresenta cristalizado. - Romera, M. L. C. ‘Postura interrogante-interpretante: por quem os sinos dobram???’ In : BARONE,L.M.C. O Psicanalista: hoje e amanhã. São Paulo: Casa do Psicólogo,2002

A fala, que a princípio pode confundir o leitor e fazê-lo interromper a leitura e (re)tornar à inscrição, lhe confere um lugar (talvez de diário) e lhe exige o ato reflexivo. Tanto a ‘paciente-personagem’ como a ‘estagiária-autora’ exigem da ‘supervisora-leitora’ a passagem da passiva-receptividade da inscrição à receptividade ativa da reflexão. A escrita assim, que traz certo estranhamento também incita à reflexão.

A conjugação adversa (mas) dá o tom afetivo da sessão. O eu que sou, mas não como as pessoas acham, divide a frase. À princípio, na condição da jovem gorda, porém com cabelo bonito, os dentes também, gosta de conversar com todo mundo, é inteligente. E segue impregnando o leitor com a idéia de que ela e os outros pensam assim, porém resta sempre, aquela que sofre com a dependência, com a baixa auto-estima.

Sônia, nesse momento, segue dialogando com Carla e os ‘outros’: ***“Como é esse achar das pessoas para você?”(p.30)***

Carla responde que é bom e ruim. Porque ***tem medo de falhar e das pessoas descobrirem que ela não é tão boa.(p.30)***

A postura interrogante-interpretante segue fazendo refletir à paciente e terapeuta (também a leitora), enquanto permite a investigação dos sentidos que se produzem. Do campo da ambivalência somos remetidos ao campo da moral, que produz o dizer da emoção, do medo. Medo de falhar... Medo das pessoas... Medo de (des)cobrir(em)... Medo de não ser tão boa...

Sônia que ainda não reconhece a força de suas perguntas, argumenta: ***“E você tem que ser boa em tudo?”(p.30)***

Carla lhe diz que não, que acha que não, e pergunta: ***“Né?”(p.30)***

Se instala a dúvida-pergunta na relação. Talvez Sônia saiba ou devesse saber?

Sônia responde que não sabe, devolve à Carla a pergunta e Carla confessa que pensa que seria melhor não ser boa em tudo, “*senão fosse a necessidade de depender do que o outro pensa.*”(p30)

A necessidade de depender retorna na forma que tem a relação com o outro. Esse que ela crê que a pensa, onde Carla ainda não se reconhece pensante, desejante. A complexidade da vida de relação de Carla surge pela sessão narrada por Sônia, que da postura afirmativa ao ser da consciência no início da sessão passa à postura investigativa do ser do inconsciente, quando se libera do lugar de diário-diarista e ressurgue como diário-interpretante.

A condição oscilante entre posturas afirmativas e investigativas acompanham o texto-relatório. No item formulação psicodinâmica e formulação teórica, por exemplo, Sônia escreve:

Nas primeiras sessões Carla falou bastante sobre seu problema com a compulsão. Relatou que acaba de almoçar e vai à geladeira comer arroz gelado. Diz que nem vê fazer isso quando percebe já está comendo e não é por fome. Carla relata que isto geralmente acontece quando está preocupada com alguma coisa ou sozinha. Freud nos diz que a força motivadora da terapia é o sofrimento do paciente e o desejo de ser curado que deste se origina. Há uma grande ênfase em sua fala em relação a seu estado de constante ansiedade, diz ser extremamente preocupada com coisas banais, como por exemplo, as atividades que precisa realizar durante o dia. Carla fala também sobre o medo de formar. Ela termina seu curso no final do ano e além de temer não conseguir emprego (na sua área – educação física) devido ao seu peso alterado, teme as mudanças e responsabilidades que enfrentará, tem medo de crescer. Nessas sessões a paciente relata bastante sobre relacionamentos amorosos conflituosos. Carla está à procura do homem ideal, do homem de seus sonhos, mas na verdade não sabe o que quer, ou quem quer, é inconstante e insegura. Parece Ter uma dependência muito forte dos homens, como se não fosse possível ser feliz se não estiver namorando. A paciente é também totalmente dependente da opinião dos outros. Pede opinião para tudo e na maioria das vezes deixa de fazer o que quer ou acha certo para não desagradar às pessoas. Penso que

muitas vezes Carla não sabe o que quer, não tem opinião própria e ao invés de tentar descobrir o que lhe agrada ‘pega’ dos outros e transforma em seu. Há uma constante submissão ao desejo do outro (p.34-5).

Em outro fragmento do texto ela diz:

Da quinta à sétima sessão Carla começou a perceber sua falta de opinião nas coisas, e o fato de sempre fazer a vontade dos outros, um medo constante de desagradar às pessoas, e a obrigação de sempre Ter que ser boa e perfeita. Ao mesmo tempo em que ia percebendo, ficava visivelmente ansiosa, mexendo-se bastante na cadeira e evitando o pensamento. Da quinta a sétima sessão Carla começou a utilizar mecanismos de defesa que impediam o acesso à angústia, impediam que o processo psicoterapêutico continuasse. Ela chegava à sessão e começava a relatar tudo o que tinha acontecido na semana, como num diário. Não falava mais da queixa inicial (ansiedade e compulsão), relatava acontecimentos, mas não falava de emoções em momento algum. Sempre terminava um assunto e já falava “deixa-me ver o que mais aconteceu?”, e começava a relatar outro fato. Sempre que eu tentava aprofundar algum ponto ela respondia superficialmente e mudava de assunto. Toda esta situação foi me causando muita angústia(p.35).

O diário (re)aparece aqui neste momento de narrativa feito um guia à leitora, pela forma negativa: não falar da queixa inicial/ não falar das emoções. Surge ao mesmo tempo, como forma de diário-discurso que se produz: “Sempre terminava um assunto e já falava: “Deixa-me ver o que mais aconteceu”.

O trabalho, a convivência com o ser do inconsciente é forçosamente uma condição de produção psíquica tanto para o paciente quanto para o terapeuta. Desloca o ser do lugar que ocupa: o faz ocupar lugares que provocam a produção de sentidos. O diário que surgiu à terapeuta foi lugar ocupado, desencadeador e desencadeante dos “cuidados” que ela dispensaria à paciente. À supervisora-leitora do relatório, ele ressurgiu após diversas leituras

como aquele que salta à vista, chama a atenção: a que veio este? Concomitante aos diversos elementos que se inscreveram seguem-se todos esses produzindo um texto-discurso-voz.

A narrativa que se tornou indicadora da leitura do dito que afeta quem o ouve, tanto para paciente, quanto para terapeuta permitiu ao leitor desta, aproximar e reconhecer o que se faz, mesmo não o sabendo feito. Faz refletir sobre as características peculiares da leitura da leitura que gera a escrita psicanalítica.

5.2. Algumas reflexões sobre a condição de leitura da leitura.

É chegada a hora de aproximar as idéias que foram compondo o trabalho até aqui. Semelhante ao dono da casa de penhores da narrativa fantástica de Dostoiévski (2003), em *A Dócil* de 1876, que diante da dramática situação que se viu com sua esposa no leito de morte, inicia sua análise considerando “*Quem era eu e quem era ela*”, haveria como no segundo capítulo do livro de descobrir que “*De repente o véu caiu*”. A leitura da leitura da narrativa do caso clínico produzido para o relatório tornou-se possibilidade de desvelar a potencialidade da clínica do estagiário, quanto do ensino-transmissão da psicanálise no estágio.

Diante dos relatórios busquei, como fez Freud (2002) no caso Schreber, que as palavras escritas – pelas posturas: passividade-receptiva e receptividade-ativa, ocupassem o lugar do discurso oral. Elas surgiram em condição de ordenação no relatório produzindo não só um relato da estagiária, mas uma narrativa sobre sua experiência com a clínica psicanalítica. Seu destino, no contexto aqui posto, foi o de revelar os sentidos a que se produziu.

As posturas adotadas possibilitaram-me aproximar da mobilidade psíquica em que tanto os sentidos produzidos pela estagiária em sua leitura, quanto os que eu produzia (minha leitura) ao ler seus escritos, surgissem à medida da minha escrita sobre o relatório.

O primeiro aspecto que saltou à minha vista na leitura, - a dependência excessiva da paciente em relação à mãe que permearia a narrativa do caso - possibilitou pela leitura de Sônia aproximar da condição de relação da paciente com a mãe e posteriormente dela com a própria estagiária. Sônia que permitiu que surgisse de Carla sua própria história, como por exemplo: a mãe, uma acompanhante-adiantadora, com sua filhinha relatora, pode conhecer algumas condições do vínculo que ela vivenciaria de perto na sessão. As condições vinculares de Carla deixaram à mostra sentidos de sua psique desejante, quanto permitiram vir à luz, algumas noções que Sônia trazia consigo sobre a natureza da psique humana no atendimento, como por exemplo, a produção consciente versus inconsciente .

Ao ouvir Carla, Sônia colocava-se em condição de transferência deixando emergir o discurso e instalando na sessão uma intenção-atenção ao que se produzia entre a psique, seu objeto de investigação e ela mesma haveria de tomá-la em consideração. Como Freud (1969h) em sua motivação pelos fenômenos psíquicos que primava pela descoberta destes, e descobriu que o que lhe soava com estranheza no discurso haveria de ser considerado por tempo suficiente. Sônia capturava a forma manifesta com que Carla se anunciava. Esta forma, no entanto, a deslocava. Ela sofria o efeito particular dessa condição de escuta atenta ao estranho, proposta por Freud.

Aos poucos, neste momento, pequenas questões retornaram à supervisora-leitora, que havia se proposto a ser supervisora-pesquisadora. No início desta pesquisa havia o receio de ser ousado refletir sobre a potencialidade da clínica psicanalítica de jovens estagiários. (Re)conheceu-se que pela postura atenta desses ao discurso do outro, valia o

estudo dos efeitos desencadeadores neles que a escrita do relatório revelaria. Toda escrita, mesmo que estereotipada em si, apresenta estórias mediando histórias vividas, com maior ou menor intensidade. Para a Teoria dos Campos: *“Ficcional não significa falso, nem mesmo cientificamente menor, mas inserido num tipo de verdade peculiar à literatura, que é em geral mais apropriada para a compreensão do homem do que a própria ciência regular”* (HERRMANN,1999, p.18). Assim, as estórias escritas produzidas como efeito do vivido tornaram-se possibilidades de reflexão, tanto para aquele que se pretende psicoterapeuta (curador), quanto ao que as ouve/lê buscando cuidar daquele que deseja ‘curar’.

As estórias/hipóteses tecidas sob efeito do vivido transformaram-se em ponto de partida para o conhecimento da psique humana, que se produz no campo do estágio da clínica psicanalítica.

Sônia, e outros estagiários, que ao escreverem sobre a experiência clínica nos permitem o acesso às suas estórias/hipóteses permitem também que sigamos investigando e também criando novas estórias/hipóteses sobre o trabalho clínico-institucional.

Aqui a leitura da leitura surge como possibilidade de iluminar os sentidos produzidos no atendimento. O relatório tomado para investigação tem a chance de revelar as formas peculiares de concepção do estagiário sobre a psique em condição de análise.

A leitura da leitura originária da postura metodológica que deixa surgir o discurso-voz produzido na sessão tem pela condição de passiva-receptividade a possibilidade, como eu tive, de guiar a leitura do caso clínico. Ela transforma-se em guia da ordenação do discurso que se produz pela narrativa. No caso clínico apresentado por Sônia o guia-

determinante, o diário, surgiu como “palavra terceira”²⁷ entre Sônia e Carla, que se produziu, assim como entre estagiária-autora e supervisora-leitora. O “dizer tudo” que a estagiária presentificava no relatório, advindo do discurso da paciente, foi voz que ressoou nos personagens: paciente, estagiária e supervisoras. A forma do dizer e seus efeitos indicaram a força da mobilidade psíquica no trabalho clínico.

Assim guiada pelo diário – sentido dado por Sônia - mediador da “*superfície de representações*” do dito na sessão, algumas condições de possibilidade dessa forma do dizer foram a mim se desenhando (HERRMANN, 2001a, p.21).

A idéia trazida por Sônia de dependência excessiva da paciente pela mãe, logo no início do texto, seguida pelo relato de toda rotina da semana pela paciente à estagiária na sessão, desencadeante do sentido diário-diarista, a princípio deixava à supervisora-leitora impregnada pela condição relatora, sintomática que se produzia na sessão e paralizava à estagiária. Evidentemente certa queixa na escrita do relatório e no artigo de Sônia também se dirigia à supervisora-leitora, atenta agora à leitura, como investigadora e não só como coletora e avaliadora do conteúdo do relatório. Surgia inclusive agora uma nova possibilidade de ‘avaliação’.

²⁷ Sampaio utiliza a idéia de palavra terceira para a inspiração literária que se produz no encontro analítico devido a: “Penso que a angústia contratransferencial que toma o analista (...) é capaz de ameaçar o equilíbrio prazer-desprazer necessário à manutenção de sua escuta.” Ainda segundo a autora : “(...) Não me parece ser de pouca importância o aporte que o sentimento estético oferece nestas circunstâncias.” In: SAMPAIO, C.P. Ficção Literária: terceira margem na clínica psicanalítica, tese de doutoramento, São Paulo:PUC/SP,2000.

Inserida no campo do atendimento clínico da estagiária pela escrita, vi-me refletindo sobre as possibilidades de “*eficácia simbólica*”²⁸ do sentido diário lendo-o, ou seja, ouvindo Sônia, pelo tumulto provocado pela forma discursiva de Carla na sessão, que gerou a princípio uma descarga sobre seus sentimentos. No mesmo palco, no entanto movimentou-se a possibilidade de (con)versa, que apresentei anteriormente como postura interrogante-interpretante, que tanto acalmou as protagonistas, quanto manteve o diálogo e revelou intenções: Sônia esperava que Carla se curasse da dependência excessiva e deixasse de produzir um discurso estereotipado, Carla esperava diminuir sua ansiedade, porém sem perder o prazer de relatar o que pensava aos outros.

Conciliar a diminuição da excessiva dependência e do discurso estereotipado com o prazer de narrar os próprios feitos, a princípio a mim deu Diário-diarista que se transformou em lugar crítico (caos). À Sônia, esta forma em si produzida, como ‘o relato de tudo’ para Carla, surgia mas congelava-se rapidamente.

A partir da leitura da leitura do texto-relatório em que procurei exercitar o lugar do Diário - movê-lo ainda mais - percebi que sem o saber fazendo Sônia poderia por ele criar condições outras de acesso ao que se produzia na relação com a paciente.

Neste momento, na pele do diário-diarista fui pensando nas possibilidades do diário-interpretante, naquele que da relação surgiu, ainda sem o saber a estagiária, como possibilidade de saída, de produção de novos sentidos no trabalho clínico. Ambas,

²⁸ Segundo Levi Strauss(1975) - em seu estudo sobre a cura xamanística - as representações criadas pelo Xamã na relação com a mulher grávida de sua tribo, que não conseguia dar à luz ao seu filho, surgiam de um minucioso e laborioso trabalho entre o corpo e alma. Muu – a potência responsável pela formação do feto havia transformado-se em impeditivo do nascimento. Dialogar com Muu por meio dos nuchu [imagens sagradas produzidas no momento do combate (intervenção) do Xamã com a alma da mãe] era possibilidade de revelar à alma desta que Muu, indispensável à procriação, precisava ser combatido somente contra seus abusos. A relação terapêutica presente no relatório de estágio, que sofria pela dupla certa restrição frente ao dizer conhecido apenas como rotineiro/costumeiro, produzia sentido, produzia Diário, fazendo falar a terapeuta em sua condição receptiva na transferência.

estagiária e paciente, jovens aprendizes, buscavam em seus “lugares de assento”, aprenderem sobre a condição de constituir-se sujeitos na relação e no mundo, ao transitarem de sujeitos da consciência, do discurso direto, ao sujeito do inconsciente, a ser descoberto. A mim (des)cobria-se a singularidade das questões surgidas à Sônia em seu ofício clínico, pela condição de leitura da leitura, até então desconhecida em sua potencialidade. Onde só havia leitura do relatório no sentido informativo-avaliativo foi tornando-se valioso o exercício interpretativo da escrita do relatório. Surgiam assim algumas possibilidades de pensar a leitura da leitura como indicadora da potencialidade da clínica do estagiário, enquanto reveladora de sentidos importantes acerca do nível de aprendizagem e de acesso à postura psicanalítica.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo em que procurei retornar diversas vezes sobre o mesmo caminho lendo e relendo o texto-relatório busquei descobrir as possibilidades de sentidos que se produziram onde eu não sabia.

O relatório que foi sendo concebido como forma de comunicação, de linguagem, ao comunicar sua lógica de produção, ou seja, a que veio, tornou-se texto, narrativa.

A importância da narrativa, essa peculiar forma de expressão humana no estágio em psicologia fez falar angústias que se transformaram em diários: diarista e interpretante.

Pela receptividade-ativa da supervisora-pesquisadora estes haveriam de servir à estagiária-autora e supervisora-leitora como possibilidades de investigação da psique em condição de análise. Escutando o que se produz na clínica nos arriscamos a ouvir os sentidos que se fazem presentes no encontro analítico.

Ao partir do sentido-avaliativo do relatório ele ganhou vida. Esta se produziu pelas posturas passividade-receptiva e receptividade-ativa que tiveram por característica exercer o ato interpretativo na leitura do texto-relatório. Buscou-se abrir às produções psíquicas possibilidades de serem conhecidas potencialmente. Foi possível refletir sobre o poder dessa que faz falar, pelo atrito entre os dedos e o teclado, mais comum hoje em dia do que a caneta e o papel, o autor onde não se pretendia revelado.

Narrativas, ficções, produções de psiques desejantes, a escrita psicanalítica, como leitura de uma leitura, transforma-se num campo rico de investigação.

A arte de narrar o caso clínico, assim como o exercício de leitura analítica dessa narrativa, tem potencialmente condições de possibilidade de revelar sentidos subjetivos para o que se apresenta restrito.

A condição laboriosa da escrita, o exercício árduo de pensar por escrito o próprio fazer, tem sua recompensa na comunicação ao outro que a lê e dele recebe as possibilidades de sua existência e continuidade na produção de novos sentidos, de novos conhecimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T.W. Posição do narrador no romance contemporâneo (1958). In: BENJAMIM, W. et al. **Os pensadores: textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p.269-273.

AMATUZZI, M. M. **O resgate da fala autêntica: filosofia da psicoterapia e da educação**. Campinas: Papirus, 1989.

ARRIGUCCI JR., D. Teoria da narrativa: posições do narrador. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 31, n.57, p. 9-43, set. 1998.

AULAGNIER, P. **Um intérprete em busca de sentido**. São Paulo: Escuta, 1990. v. 2.

BACCARIN, M.I. **Aprendendo a pensar, pensando o aprender as origens afetivas do pensar**. 2000. 273p. Tese (Doutorado em Saúde Mental) – Faculdade de Ciências Médicas, UNICAMP, Campinas, 2000.

BIRMAN, J. **Por uma estilística da existência: sobre a psicanálise, a modernidade e a arte**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

CALVINO, I. Se um viajante numa noite de inverno. In: CASELATTO, M.S.; MARINHEIRO, N. (Coord.). **Coleção grandes escritores da atualidade**. São Paulo: Planeta de Agostini, 2003.

CHNAIDERMAN, M. **Ensaio de psicanálise e semiótica**. São Paulo: Escuta, 1989.

DOSTOIÉVSKI, F. A dócil: narrativa fantástica (1876). In: _____. **Duas narrativas fantásticas**. São Paulo: Ed. 34, 2003. p. 11-87.

FIGUEIREDO, L.C. A complexa noção de “voz”. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 32, n.3, p.605-609, 1998.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FRAYZE-PEREIRA, J.A. O paciente como obra de arte: uma questão teórico-clínica. In: HERRMANN, F.; LOWENKRON, T. (Org.). **Pesquisando com o método psicanalítico**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p.33-41.

FREUD, S. A interpretação dos sonhos (1900). In: _____. **Edição standart brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1969a. v. 5.

_____. Algumas lições elementares de psicanálise (1940). In: _____. **Edição standart brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1969b. v. 23.

_____. Conferências introdutórias sobre psicanálise (1916). In: _____. **Edição standart brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1969c. v. 15.

_____. Escritores criativos e devaneios (1908). In: _____. **Edição standart brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1969d. v. 9.

_____. Estudos sobre a histeria (1895). In: _____. **Edição standart brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1969e. v. 2.

FREUD, S. Fragmento da análise de um caso de histeria (1905). In: _____. **Edição standart brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1969f. v.7.

_____. Notas sobre um caso de neurose obsessiva (1909). In: _____. **Edição standart brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1969g. v.10.

_____. **O caso Schreber**: notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia Paranóides) (1911). Rio de Janeiro: Imago, 2002.

_____. O estranho (1919). In: _____. **Edição standart brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1969h. v. 17.

HERRMANN, F. **Clínica psicanalítica**: a arte da interpretação. São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. **Introdução à teoria dos campos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001a

_____. **O divã a passeio**: à procura da psicanálise onde não parece estar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001b.

_____. Pesquisando com o método psicanalítico. In: HERRMANN, F.; LOWENKRON, T. (Org.). **Pesquisando com o método psicanalítico**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p.43-83.

_____. Uma aventura: a tese psicanalítica. In: SILVA, M.E. **Investigação e psicanálise**. Campinas: Papyrus, 1993. p.133-157. Entrevista concedida a Maria Emilia Lino da Silva.

KON, N.M. Literatura fantástica e psicanálise. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v.35, n. 64/65, p.135-156, 2002.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LOFFREDO, A. M. Sobre a escrita dos relatos clínicos freudianos. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 35, n. 64/65, p.175-189, 2002.

MAHONY, P. **Freud como escritor**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

MARQUES, C.S.; SANTOS, J.D. Da passividade receptiva à receptividade-ativa: caminhos para a supervisão e a clínica psicanalítica. In: BARONE, L.M.C. **O Psicanalista: hoje e amanhã**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

MASSON, J..M. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

MEZAN, R. **Escrever a clínica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

MINERBO, M.; MANDELBAUM, E. A narrativa da clínica. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 35, n. 64/65, p.157-173, 2002.

MINERBO, M. O método psicanalítico em Freud. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 37, n. 2/3, p.271-278 , 2003.

OGDEN, T.H. Uma questão de voz na poesia e na psicanálise. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 32, n.3, p.585-604, 1998.

PONTALIS, J.B. Entrevista com J-B. Pontalis. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v.35, n. 64/65, p.29-47, 2002.

RICOEUR, P. **Da interpretação**: ensaio sobre Freud. Tradução: Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papyrus, 1997.

ROMERA, M.L.C. **Transmissão-difusão da psicanálise**: considerações a partir do delineamento de sua presença nos cursos de psicologia da região do Triângulo Mineiro. 1993. 296p. Tese (Doutorado em Psicologia), São Paulo: USP,1993.

_____ Postura interrogante-interpretante: por quem os sinos dobram??? In: BARONE,L.M.C. **O Psicanalista**: hoje e amanhã. São Paulo: Casa do Psicólogo,2002, p.47-57.

RUDELIC-FERNANDEZ, D. Linguagem do caso: modelos e modalidades. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 35, n.64/65, p.57-70, 2002.

SAMPAIO, C.P. **Ficção literária**: terceira margem na clínica psicanalítica. 2000. 220p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica), São Paulo: PUC/SP, 2000.

SANTOS, B.S. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

ANEXOS

1. TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu _____ aceito participar como sujeito da pesquisa de Mestrado em Psicologia Aplicada, da Universidade Federal de Uberlândia, que será coordenada pela mestrande e psicóloga Cristianne Spirandeli Marques (Fone:3232-1109), com o tema: “A escrita psicanalítica enquanto atividade favorecedora de aprendizagem e elaboração da teoria e da clínica: um estudo.” Estou ciente de que o objetivo da pesquisa é investigar se esta atividade favorece a aprendizagem de sentidos da teoria e da clínica, bem como, possibilita a construção de ressignificações das mesmas, na formação do estagiário de psicologia, assim como, para o trabalho do psicólogo. Desta forma a pesquisa procurará evidenciar a contribuição que a escrita psicanalítica promove na construção de novas teorizações. Estou ciente de que meus escritos produzidos para o relatório de estágio no Setor de Apoio e Orientação Psicopedagógica – SEAPS serão utilizados como dados para análise na pesquisa. Estou ciente também de que minha identidade não será divulgada e de que em hipótese alguma haverá custo financeiro de minha parte nesta pesquisa. Entendo que os termos deste consentimento atendem às determinações do Comitê de Ética da Universidade Federal de Uberlândia, que tem dentre seus objetivos, resguardar os direitos e deveres dos sujeitos da pesquisa (Fone:3239-4131).

Uberlândia, ____de maio de 2004.

2. AUTORIZAÇÃO PARA USO DE DADOS EM PESQUISAS E PUBLICAÇÕES EM PSICOLOGIA

Nome do cliente: _____

Número do prontuário: _____

Para o Setor de Apoio e Orientação Psicopedagógica – SEAPS é importante realizar estudos e pesquisas científicas para que assim, possamos compreender melhor as características e demandas da comunidade discente da UFU, com a finalidade de planejar nossas ações voltadas para o atendimento às necessidades dos estudantes universitários. Por isso solicitamos que leia e caso esteja de acordo, assine a autorização abaixo:

Eu _____ cliente e/ou responsável pelo cliente (acima citado) do Setor de Apoio e Orientação Psicopedagógica – SEAPS, da Universidade Federal de Uberlândia, autorizo o uso de dados clínicos e epidemiológicos provenientes de meu atendimento nesta instituição, para pesquisas e eventuais publicações no campo da Psicologia e áreas afins, desde que resguardados os cuidados éticos e preservado o sigilo sobre informações que possam identificar a minha pessoa ou quaisquer pessoas do meu relacionamento.

Uberlândia, _____.

Assinatura: _____.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.